

A M

AVE-MARIA REVISTA MENSAL — ANO XCIX
Nº 10 outubro 1997 R\$ 2,50



MADRE TERESA DE CALCUTÁ

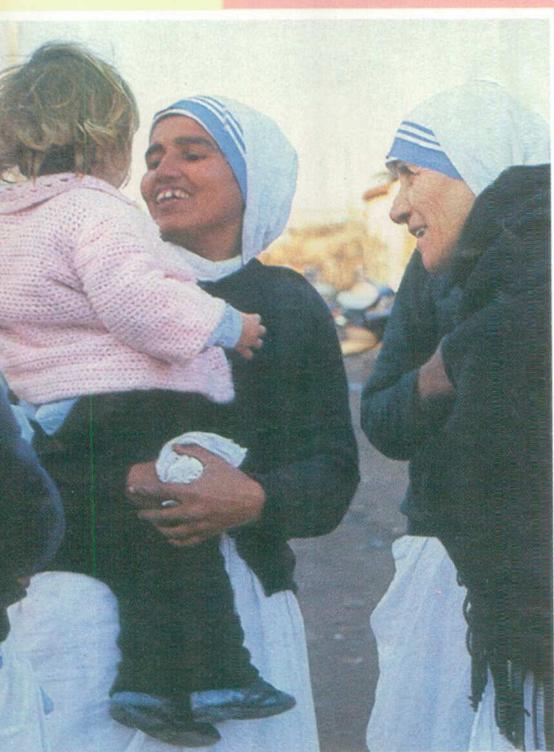
A DEFESA E A PLENA VALORIZAÇÃO DA FAMÍLIA

NOSSA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

MUNDO ENCANTADO DA TELEDemocRACIA

A Bondade

Não permita nunca
que alguém ache-se a ti
e vá embora sem sentir-se
melhor e mais feliz.



Seja a expressão da bondade de Deus.
Bondade expressa em teu rosto
e nos teus olhos.
Bondade nos teus sorrisos
e na tua saudação

Às crianças, aos pobres
e a todos aqueles que sofrem
na carne e no espírito,

Ofereça sempre um sorriso de alegria
Dá a eles
não só o teu auxílio
mas também o teu coração.

Madre Tereza

4. A IGREJA NO MUNDO
Notícias
6. A PALAVRA DO PAPA
A defesa e a plena valorização da família
7. *Nossa vocação missionária*
João Batista Libânio
8. *Claretianos reelegem Superior Geral*
Cláudio Gregianin, cmf
10. CAMPANHA DA FRATERNIDADE
Prisão só para infrações mais graves convicção que avança
José Carlos Salvagni
13. *Madre Teresa de Calcutá*
Luciano Mendes de Almeida
14. *Mundo encantando da teledemocracia*
Frei Betto
16. REFLEXÃO BÍBLICA
A energia eficaz
Geraldo Araújo Lima
18. MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR
Nossa Senhora Anunciada
Roque Vicente Beraldi
19. SUA IGREJA
O que é pecado?
Isidoro de Nadai
20. SANTOS - TESTEMUNHO DE VIDA CRISTÃ
Francisco de Assis
Antônio Maria Claret
Ronaldo Mazula
22. MEU LAR, MINHA ALEGRIA
O vínculo entre uma família pode ser pelo ciúme
Wimer Bottura Jr.
23. CULINÁRIA
Paulina Alzamora L. Juliani
25. *Educar positivamente*
Francisco Gomes de Matos
26. LITURGIA DA PALAVRA
De 2 a 23 de novembro
31. DIVERTIMENTOS
34. RELENDO A BÍBLIA
Jonas
Norma Terrignoni

Um coração para amar...



“Um coração para amar...

Para perdoar e sentir...

Para chorar e sorrir...

Um coração para sonhar...”

Estes versos de uma bela canção do padre Zezinho podem muito bem definir os sentimentos de uma mulher que assumiu a vida no mais evangélico sentido missionário, cujo coração solidário com os mais pobres a fez merecer o prêmio Nobel da Paz em 1979; Madre Teresa de Calcutá.

Madre Teresa (Agnes Gonxha Bojaxhiu), filha de pais albaneses, nasceu aos 10 de agosto de 1910 em Skoplje, antiga Iugoslávia. Desde os 18 anos Teresa assumiu a missão de estar junto aos pobres da Índia com o compromisso de revelar, com o seu coração, o coração de Cristo que ama, perdoa, sente, chora, sorri, sonha...

Reconhecida na Índia como Madre Teresa dos moribundos, a congregação que fundou, das “Missionárias de Caridade”, tem como regra básica (missão cristã) “ver Jesus Cristo na pessoa do pobre. Quanto mais repugnantes possam ser o trabalho e as pessoas, tanto maiores devem ser a fé, o amor e a atenciosa dedicação a serviço de Jesus Cristo, que está sob o semblante da indigência”. O sentido missionário de sua vida de fé é descrito por Dom Luciano Mendes de Almeida no artigo “Madre Teresa de Calcutá” (p. 13).

O papa João Paulo II em “A Palavra do Papa” (p. 6), manifesta sua preocupação quanto ao estado de violência que se enraíza em muitos lugares do mundo vitimando milhares de pessoas inocentes. Ele almeja um futuro melhor para todos e espera contar com o protagonismo dos jovens para uma nova civilização de paz e amor.

O mês missionário, outubro, sempre nos recorda que a Igreja é missionária por sua natureza. Padre João Batista Libânio esclarece-nos sobre “Nossa Vocação Missionária” (p. 7).

Também faz parte da missão cristã a visão crítica da realidade e a denúncia corajosa das injustiças sobretudo quando estas são vistas pelo senso comum o artigo como “normalidade”. Dentro da temática da campanha da fraternidade “Prisão só para infrações mais graves, convicção que avança” (p.10), de José Carlos Salvagni, mostra que o carroto é criar estruturas de reeducação e reintegração.

Não é suficiente “saber das coisas”, é preciso comprometer-se com a história. Frei Betto escreve sobre a importância disso em “Mundo Encantado da Teledemocracia” (p. 14).

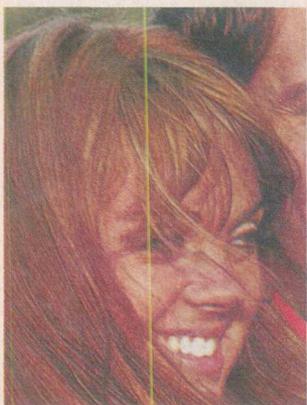
Missão também é sinônimo de tarefa, serviço. Bem no estilo do mestre Jesus Cristo, “vim para servir”, entenda-se ajudar as pessoas a saírem da exclusão, a terem mais esperança, mais alegria, mais felicidade, a se sentirem amadas por Deus.

Madre Teresa de Calcutá terminou sua missão, viveu a fé, e deixa como lição o que é preciso para viver a missão cristã junto aos excluídos, os mais carentes: um coração para amar... para chorar e sorrir... um coração para sonhar...

P.C.G.

Ecumenismo

Dois encontros aconteceram na Arquidiocese de Belo Horizonte (MG) em mês de setembro. O primeiro, dias 13 e 14, foi o VI Encontro Ecumênico do Regional Leste 2 (MG/ES) com o tema Seitas. O segundo, dias 14 e 15, foi a VIII Assembléia Anual da Comissão Ampliada de Diálogo Católico-Judaico no Brasil, com o tema: Caminhando Juntos — Judeus e Cristãos.



Curso superior em juventude

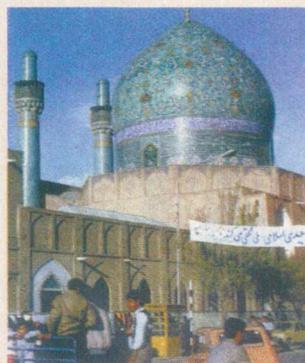
No dia 11 de setembro realizou-se, em São Paulo, SP, uma reunião com representantes de duas Faculdades, Instituto de Pastoral da Juventude e o Setor de Pastoral da Juventude, para encaminhar o 1º Curso Superior em Juventude, que acontecerá a partir de março de 1998. O tema vinha sendo

refletido desde 1994 pelos Institutos e Setor Juventude. Pe. Vilson Basso, assessor nacional da Pastoral da Juventude, participou da reunião.

Contra a violência em Cuba

Durante uma missa que celebrou para uns dois mil fiéis da localidade de Guines, no dia 18 de setembro, o arcebispo de Havana, cardeal Jaime Ortega y Alamino, voltou a condenar o terrorismo e a violência que nas últimas semanas criou tensão em Cuba. Na praça pública de Guines, a 50 quilômetros da capital do país, o cardeal confiou a Nossa Senhora de la Caridad del Cobre — cuja imagem peregrina pela ilha em preparação à próxima visita do Papa — que a paz chegue logo a todos os cubanos. Ao mesmo tempo sublinhou que “quem tem a fé católica, cristã, amor a Nossa Senhora, um seguidor de Jesus, não poderá aceitar o terrorismo. Não pode existir num coração de cristão nem ódio e nem violência”. Em outro momento, o cardeal Ortega esclareceu que condenar o terrorismo e a violência não implica deixar “de lutar pela verdade, pela justiça, porém sempre com um sentido cristão de respeito

à inviolabilidade da vida”. O cardeal cubano animou os católicos de seu país a preparar a visita do Santo Padre a Cuba para que esta “seja como uma passagem de Jesus Cristo na história, que deixou sinais imperecíveis na construção do novo milênio com a verdade e a esperança”. Nos últimos meses, foram registrados atentados com explosões em seis hotéis e um restaurante turístico em Havana, com a morte de um turista italiano.



Debate, cristianismo e islamismo

Na cidade italiana de Verona, Itália, houve no dia 17 de setembro, um Seminário Internacional com o tema “Cristianismo e islamismo, duas religiões em confronto”. No Centro Unitário para a Cooperação Missionária entre as Igrejas, foram apresentadas diversas formas de abordar o tema deste ano. Destacaram-se sobretudo as relações entre os isla-

mesmo e os mistérios cristãos, a moral dos muçulmanos e seus valores, o diálogo com os seguidores do Alcorão, e ainda, perspectivas e propostas para uma catequese em ambientes muçulmanos. O padre Maurice Bosman, missionário na África, foi o principal relator do seminário. Durante muitos anos desenvolveu sua atividade pastoral na Tunísia, e outros países árabes. Atualmente, o sacerdote é professor de Direito Islâmico e Espiritualidade Muçulmana” no Pontifício Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos, onde administra também a cadeira de “História das Relações Islâmicos-Cristãos”.

Ativista pró vida representará os EUA

Os católicos que apoiam os Movimentos pela Vida receberam com grande alegria a indicação de Corrine C. “Lindy” Boggs, como nova embaixadora dos Estados Unidos junto à Santa Sé. A senhora Boggs, durante toda sua vida se dedicou a defender os não nascidos e aos seus 81 anos será a primeira mulher a representar a nação norte-americana no Vaticano. A senhora Boggs fez parte da

delegação norte americana quando João Paulo II tomou posse como Papa e integrava o comitê que organizou duas das viagens do Santo Padre aos Estados Unidos.



“não só os desempregados são pobres

Na Europa, “não só os desempregados são pobres”. É o que afirmou Hermann Icking, secretário-geral da Cáritas Europa, falando num encontro so-

bre “Repensar a pobreza”, dia 18 de setembro, na cidade italiana de Perúgia, centro do país, organizado em colaboração entre a Cáritas e a Região Úmbria. Icking lembrou que os pobres chegam a “65 milhões se forem considerados os ‘sans papier’ e os ‘invisíveis’, isto é aquelas pessoas que recebem uma assistência social direta. O mais preocupante, acrescentou, é que são pobres 20% de todas as crianças e adolescentes europeus com menos de 16 anos”. Os números não englobam os países do Leste Europeu, nos quais entre outras coisas, a “pobreza absoluta” daqueles que morrem de fome é muito grande. “Contrariamente à visão comum, continuou Icking, não são os desempregados que formam o maior número dos pobres, mas são os aposentados e os “trabalhadores pobres”, que ganham tão pouco ao ponto de nunca superarem o limiar da pobreza”. O arcebispo de Spoleto, Dom

Riccardo Fontana, definiu o Observatório sobre as pobres, como uma “tentativa séria para dar voz aos pobres”, insistindo sobre a necessidade de estudar este primeiro relatório e apontar soluções aos desafios”, entre as pessoas mais atingidas pela pobreza: anciãos, jovens, desempregados e imigrantes.

Militante leigo e religiosa recebem título

João Breno Pinto, membro do Movimento da Saúde, Comunidade Eclesiais de Base e militante no movimento de Direitos Humanos, e Irmã Agostina, religiosa franciscana estigmatina que trabalha com famílias na Favela do Autódromo, em São Paulo,

Capital, receberam, no último dia cinco de setembro, o título de “Cidadão Paulistano”, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, SP. João Breno é um destacado líder operário, preocupado com os direitos dos trabalhadores. Irmã Agostina, tem forte atuação na formação de Cooperativas Populares e na urbanização de favelas.

Ligue grátis
Revista
Ave-Maria
0800 -
55 50 21

Na internet:

www.

avemaria.

com.br/revista

AM

A Revista **Ave-Maria** é uma publicação da Editora

AveMaria. (CGC 60.543.279/0002-62). Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. Diretor responsável: Cláudio Greggianin (MTB nº 14.696) Administração: Fely Vaz Diniz; Preparação, redação, diagramação: Ave inc S. de Godoy (MTB Nº 14.962); revisão J. J. Sobral. Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129 - Caixa Postal 1205 CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria. Estrada Comendador Orlindo Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300. A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da revista **Ave-Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Preços: Assinatura - R\$ 20,00. Número avulso - R\$ 2,50

A revista Ave-Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Revista Ave-Maria na Internet: www.avemaria.com.br/revista

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às Senhoras e aos Senhores Assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave-Maria a todos os seus representantes legais.

A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggianin (RS); Vania Salete Marca (PR); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Perozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Maceco (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); Benedito Brancati (SP); Pe. Pedro Jordá; Maria Cristina Almeida Prado, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

A defesa e a plena valorização da família



Caríssimos Irmãos e Irmãs

Por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude em Paris, pude experimentar de modo profundo a vitalidade da Igreja “jovem”, rica de entusiasmo e de amor por Jesus. Os jovens serão as testemunhas e os mensageiros do Evangelho no terceiro milênio. Serão os protagonistas na grande empresa da edificação da civilização do amor, à qual o coração humano aspira.

Porém, para levar a cumprimento esta tarefa empenhada, eles têm necessidade de ser formados, encorajados, guiados. Precisam, em particular, do apoio constante da família, de uma família autenticamente cristã. O meu pensamento dirige-se aqui para um outro importante evento mundial, ligado idealmente à Jornada Mundial da Juventude. Quero referir-me ao II Encontro Mundial do Papa com as Famílias, no Rio de Janeiro de 2 a 5 de outubro, com tema “Família: dom e promessa”.

so, esperança da humanidade”.

A importância deste encontro mundial se confirmará com veemência que a família é a primeira e fundamental via da Igreja. O futuro da humanidade e do próprio Povo de Deus passa através da defesa e da plena valorização da família.

Injustificável espiral de violência na Argélia

O meu pensamento dirige-se agora à atormentada Argélia, de onde continuam a chegar notícias de violências inauditas, que atingem sem cessar tantas pessoas inocentes. Com o ânimo aterrorizado por crueldade tão bárbara, confio as inúmeras vítimas à misericórdia divina, implorando ao Senhor conforto para os familiares extenuados pela dor. Queira Deus tocar o coração de quantos estão envolvidos nestes massacres, para que tenha fim uma tão injustificável espiral de violência e o país possa reencontrar a paz desejada.

Terra Santa: dificuldades criadas contra a população e os peregrinos

Penso, outrossim, com trepidação na Terra Santa de onde, depois dos terríveis atentados ocorridos em Jerusalém a 30 de julho, passado, têm chegado informações sempre mais preocupantes, que se tornaram ainda mais tristes pela gravíssima si-

tuação, sobretudo em Belém, com conseqüências também para numerosos peregrinos. Soube que foram tomadas decisões que deveriam diminuir ou eliminar tais dificuldades: espero vivamente que constituam um primeiro passo rumo a um processo de normalização, que se impõe cada dia mais.

Neste sentido oro e convido todos a orarem. Com efeito, a apreensão é muito grande por causa da forte tensão que permanece e das enormes dificuldades que a população de Belém e de todos os territórios palestinos é obrigada a enfrentar quotidianamente.

Caríssimos Irmãos e Irmãs, dirijamo-nos com confiança ao Senhor para que inspire e dê força aos responsáveis, ajudando-os a fazer prosperar ao mesmo tempo a justiça, a segurança e a paz de modo concreto, evitando provocações e atitudes que ferem a dignidade, os direitos e as legítimas aspirações de cada um.

Recolhamos estas intenções e confiemo-las à Virgem Santíssima, para que proteja e ilumine as famílias, as nações devastadas pela violência e a inteira humanidade.

João Paulo II



Nossa vocação missionária

João Batista Libânio

A Igreja é missionária por sua natureza. Sua vocação e razão de existir é testemunhar e anunciar a Jesus a todos os povos, segundo o mandato de Jesus. Toda e cada Igreja tem ineludível vocação missionária.

A nossa Igreja da América Latina, até então objeto de missão, percebe que chegou a hora de inverter o movimento e assumir sua vocação missionária. Alguns dados estatísticos reforçam esse apelo. Quase metade dos católicos do mundo encontram-se no nosso Continente e ele contribui com 1,5% do pessoal missionário. Atualmente no mundo 18% são católicos. 2/3 não são cristãos. Tanto mais clamorosa é a situação, se olharmos para a Ásia que agrupa mais da metade da população mundial, mas com somente 2,5% de católicos.

A responsabilidade missionária da América Latina vem tanto por exigência da própria vocação eclesial quanto por imposição dos fatos que nos fazem, na expressão de João Paulo II, "o Continente da esperança missionária".

A nossa história de colonização fez-se à custa da escravidão dos africanos. Como dizia Vieira, "não há Brasil, sem Angola". Temos, portanto, uma especial responsabilidade em relação à África. A América Latina sente-se devedora e culpada em relação ao Continente negro pelos milhões de filhos seus trazidos como escravos. Agora quer devolver em fé e libertação, o que roubara em escravidão. É fator histórico e ético que so-



breveva ao simples fato estatístico.

Nesse espírito, aceitei ir passar quase um mês em Moçambique na consciência de que restituía pequena migalha do que recebemos daquele Continente. Pude ver coisas lindas. O país está saindo de quase 30 anos de guerra e sofrimentos. Os missionários permaneceram, com enorme heroísmo, firmes em seus lugares no meio a todos os perigos de uma guerra. Vi também um povo que vive da esperança. Apesar de tanto sofrimento, senti, especialmente no Norte, as pessoas muito acolhedoras. Quando nós as saudávamos pelas estradas ou ruas, abriam-nos amplo sorriso de acolhida. Encontram ainda energias para festejar, bailar, cantar.

Os desafios missionários são grandes. Desde a doença da malária, que continua atingindo maciçamente a todos os habitantes, e a extrema pobreza até o encontro com tradições culturais e línguas muito diferentes. A língua portuguesa funciona no mundo do asfalto e letrado. Mas o povo fala suas línguas regionais. Sem conhecê-las o missionário fica muito limitado. E o fato de aprender a língua significa para o moçambicano que o missionário não vem nem está lá com outros interesses que os do evangelho. O domina-

dor não aprende a língua do dominado.

Em Moçambique abre-se para a Igreja do Brasil amplo campo missionário. Mas não pensemos que vamos somente dar, ensinar, ajudar. Certamente nos enriqueceremos muito com este contato. Temos muito que aprender desse povo. Descobriremos muita vida na Igreja moçambicana, muito heroísmo em seus fiéis, muito zelo, muita vida nas comunidades, liturgias lindas e longas sem a sofreguidão de tempo, muita entrega por parte dos missionários, muita santidade escondida e que nunca será proclamada nos altares, mas não menos real e autêntica.

Por sua vez, o cristianismo tem maravilhosa tarefa de proclamar a libertação a este povo sofrido, oprimido e agora submetido às políticas escorchantes do FMI e do Banco Mundial. Além disso, pelo que ouvi, nas religiões tradicionais impera terrível medo dos espíritos, das exigências pesadas dos feiticeiros e existem elementos necessitantes da presença libertadora de Cristo.

Cada um de nós, onde estejamos, somos chamados a participar na oração, na ajuda material e espiritual, no compromisso com nossa comunidade, vivendo assim a vocação batismal missionária. Outubro vem-nos despertar para essa vocação, que, se realizada, impregnará nossa comunidade de mais vida e esperança. ■

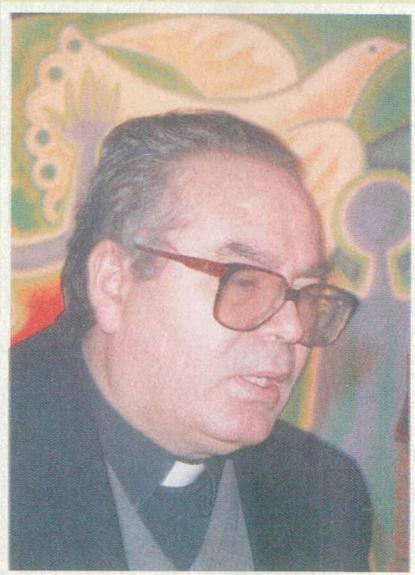
João Batista Libânio é doutor em Teologia, professor e diretor na Faculdade de Teologia do CEBS, Belo Horizonte, MG.

Claretianos reelegem

Realizou-se em Roma, de 26 de agosto a 23 de setembro, o XXII Capítulo Geral da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Claretianos). Participaram 84 claretianos capitulares representantes de mais de 50 países onde a Congregação Claretiana desenvolve trabalhos de evangelização e missão.

Tema central

A dimensão profética do serviço missionário claretiano da Palavra.



Resposta da Congregação Claretiana a esta nova situação

Destacou a importância da humildade como consciência das limitações diante dos incontáveis desafios das novas tecnologias e situações — “devemos ser criativos”, disse Pe. Aquilino. A missão congregacional claretiana, “diante dos sinais de mudança, que nos fazem pensar numa nova época para o homem e para Igreja, deve comprometer-se com sagacidade, competência e audácia missionárias”. E como chave de leitura para conhecer os passos de Deus por nossa história, Pe. Aquilino destaca, o testemunho profético como resposta aos desafios do mundo contemporâneo, documento “*Vita Consecrata*”.

Quanto ao sentido profético da missão, afirmou que os missionários claretianos devem “promover projetos apostólicos adequados às necessidades atuais pelos quais vale à pena entregar a vida”. Finalizando disse, é tempo de unir esforços e recursos

e descobrir o alcance profético do “fazer com os outros” seguindo o discernimento congregacional claretiano do “mais urgente, oportuno e eficaz”.

Durante os trabalhos e estudos do XXII Capítulo Geral foram examinadas as “Memórias” — trabalhos pastorais, missionários e administrativos — sob os critérios dos documentos claretianos e posteriormente foram elaborados as propostas e os programas para os próximos seis anos.

Frente a esse novo compromisso de trabalho da Congregação Claretiana, Pe. Aquilino Bocos Merino, foi reeleito Superior Geral aos 6 de setembro de 1997, (1997-2003).

Pe. Aquilino nasceu em Canillas de Esgueva (Valladolid) Espanha em 1938. Foi ordenado sacerdote aos 23 de maio de 1963. Licenciado em Filosofia, diplomado em Psicologia Clínica, participou da fundação do Instituto de Vida Religiosa de Madrid, dirigiu a revista do mesmo nome e foi diretor da Escola Regina Apostolorum, na capital espanhola.

De 1967 a 1973 foi diretor do Teologado Internacional Claretiano de Salamanca, Espanha. Em 1980 foi eleito Superior Provincial de Castela,



Pe. Aquilino Bocos por ocasião de sua estada no Brasil em 95, com os irmãos Carol, Sanábrio (falecido) e ao fundo, irmão Joaquim.

No discurso de abertura o Pe. Aquilino Bocos, cmf, Superior Geral, agora reeleito, fez um breve relato das atividades do sexênio apontando momentos de luzes e de sombras mais significativos e chamando à atenção para o atual momento da Igreja cuja novidade ele classifica como sendo uma Igreja pluricêntrica. “Novas experiências cristãs, mas muito antigas, outras muito novas que enriquecem a Igreja”.

Superior Geral

Espanha. No ano seguinte assumiu também a presidência da Federação Espanhola de Religiosos que se dedicam ao ensino, como também, a presidência da Conferência Ibérica de Provinciais Claretianos.

Em 1985, foi eleito Consultor Geral da Congregação Claretiana e nomeado Superior Delegado dos Instituto de Vida Religiosa em Madrid e Roma, como também do Instituto Jurídico. No dia 7 de setembro de 1991 foi eleito Superior Geral dos Claretianos pela primeira vez.

Composição do Governo Geral

Pe. Josep Maria Abella, 47 anos, espanhol, reeleito Consultor e Prefeito de Apostolado;

Pe. José Maria Palacios, 59 anos, espanhol, reeleito Consultor e Prefeito de Formação;

Pe. Josep Sidera, anos, espanhol, Consultor e Prefeito de Economia;

Pe. Soosai Maria Arul, 41 anos, indiano, Assistente para a Ásia;

Pe. Manuel Vilchis, 52 anos, mexicano, Assistente para a América Latina;

Pe. Rosendo Urrabazo, 45 anos, nigeriano, Assistente para os países de língua inglesa;

Pe. Charles Amadi, 48 anos (nigeriano), Assistente para a África.

Pontos Centrais do novo Documento Capitular

Alguns pontos centrais são retomados como, ser testemunhas proféticas num mundo de pobreza e injus-

tiça; num mundo alienado da fé; projetos de ajuda aos que buscam na justiça e na solidariedade a transformação do mundo; formação da grande comunidade (para anúncio da Boa Nova) com os leigos; com os movimentos sociais que lutam pelos direitos humanos, pela justiça, pela paz, pela ecologia; ingressar na utilização dos novos meios de comunicação para a pastoral e a missão que anuncia o Cristo. O documento não deixa de alertar os claretianos sobre “os desafios que as realidades locais apresentam



Pe. Aquilino e o Cardeal Arns de São Paulo em celebração pelos 100 anos da congregação no Brasil, 8 de dezembro de 1995.

aos organismos comunitários e à própria vocação universal da Congregação Claretiana“. Disse ainda, da importância de fortalecer e dinamizar os projetos de formação à vocação missionária e da evangelização de vanguarda.

Mensagem do Santo Padre João Paulo II

No dia 22 de setembro os missionários claretianos participantes do

Capítulo tiveram um encontro com o Papa João Paulo II.

Em breve discurso João Paulo II aconselhou o seguimento fiel ao fundador e Pai e lembrou o carisma de Santo Antônio Maria Claret, para quem “o amor do Cristo impele”, citando o apóstolo Paulo, 2Cor 5,14.

Neste contexto disse, “a Igreja tem em grande estima o serviço da Palavra que realizais na missão Ad Gentes, em setores populares e entre marginalizados; na formação de novos evangelizadores, tanto religiosos como leigos; na promoção da vida religiosa; nos trabalhos de educação e na renovação das comunidades cristãs; formentando o diálogo de fé com as que buscam a Deus”.

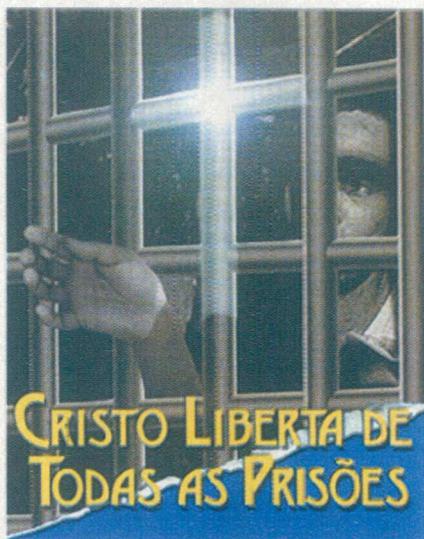
Assim, continuou o Papa, “dois testemunhos de amor a Cristo com a proclamação constante da Boa Nova e da Solidariedade sincera e eficaz, especialmente com os mais pobres, os enfermos, os anciãos e os deficientes”.

Disse também ser motivo de especial satisfação constatar que tão próximos do terceiro milênio a Congregação Claretiana se propõe a aprofundar a dimensão profética do Serviço da Palavra. “A Igreja espera, disse, nesta hora de profundas mudanças sociais e culturais, que a palavra clara e oportuna do missionário vá acompanhada da transparência de vida do *homem de Deus*. Quando a dor, a solução e as exclusões cercam o coração dos homens, se espera dos consagrados uma nova e luminosa proposta de amor... Desta maneira a atitude profética levará esperança a todos, porque por vós Deus continua visitando seu povo” (cf. Lc 7,16). ■

Cláudio Gregianin, cmf

Prisão só para infrações mais graves, convicção que avança

José Carlos Salvagni



A prisão — arcaica, atrasada, desumana — está no centro de uma grande discussão. Tema da Campanha da Fraternidade de 1997, é assunto diário em razão das freqüentes fugas e rebeliões, controvérsias como a do assassinato do índio pataxó Galdino, e dos grandes escândalos aos quais se cobra punição. Os meios de comunicação têm mostrado que as prisões estão superlotadas, inviáveis. Pessoas continuam presas por problemas burocráticos após cessadas as penas.

É generalizada a conclusão de que, como estão funcionando, as prisões não recuperam; ao contrário, pioram. Uma nova geração de juízes vem causando decisões polêmicas

para aliviar a situação. Difunde-se cada vez mais a convicção de que a pena de prisão deve ficar reservada a casos graves, aplicando-se penas alternativas — de serviço à sociedade —, para os demais. É o que o Congresso Nacional vem discutindo. Outra convicção patente é a de que o ensino escolar tem de fazer parte desta mudança. Será mais fácil construir um novo cenário se as crianças aprenderem cedo o que é ser cidadão e que para sê-lo é preciso conhecer e exercer suas prerrogativas, direitos e deveres.

Quando existia pena de morte

A historiadora Regina Célia Pedroso - responsável pelas pesquisas promovidas pelo recém instalado Instituto Latino-americano das Nações Unidas para a Prevenção do Crime e Tratamento do Delinqüente (Ilanud) - elaborou tese de mestrado sobre a evolução das prisões no Brasil. Diz que até 1824, ano da primeira Constituição brasileira, a prisão era pena secundária. Galés e os trabalhos forçados eram as mais freqüentes, ao lado do exílio, de penas corporais como açoites em praça pública, e da pena de morte por enfor-

Como estão funcionando, as prisões não recuperam; ao contrário, pioram. Difunde-se cada vez mais a convicção de que a pena de prisão deve ficar reservada a casos graves, aplicando-se penas alternativas — de serviço à sociedade —, para os demais.

camento. Era a época das famosas Ordenações Filipinas, herança do final do século XVI, quando Portugal esteve unido à Espanha. O grande saco de pancadas até 1889, claro, eram os escravos e libertos. As prisões localizavam-se até então nas chamadas Casas de Câmara e Cadeia, onde também funcionavam as câmaras municipais.

Os juízes só passaram a atuar efetivamente no Brasil a partir de 1808, quando a família real chegou e trouxe autonomia jurídica e política ao País. Os casos considerados mais graves na época - bruxarias, feitiça-

rias, heresias, entre outros - eram até então julgados em Portugal.

Ao longo do Império o sistema mudou pouco. A pena de morte foi abolida para os brancos. Ficou reservada aos escravos em casos de insurreição, rebelião ou que tivessem atentado contra a vida dos donos. Era também proibida a alfabetização dos negros, sob risco de açoite em praça pública e até de prisão. Outro fato nocivo ao País foi a de que, como faltavam juízes, os grandes fazendeiros - os chamados "coronéis" - obtinham facilmente de juízes a autorização para "praticar" a justiça na sua área, sendo eles próprios os "juízes" e mantendo prisões para os que condenavam.

Até 1940, as crianças consideradas infratoras eram normalmente presas. A lei lhes prescrevia casas de asilos, mas a professora Regina diz ter encontrado um caso de criança de sete anos presa com adultos no famoso Presídio da Ilha Grande, no Rio, no final do século passado. Com frequência, homens, mulheres e crianças estavam presos juntos. (Casos de homens e mulheres presos na mesma cela ainda ocorrem hoje, como mostrou o texto-base da Campanha da Fraternidade de 1997, em Altamira, no Pará ¹). As infrações que levavam as mulheres à cadeia eram o infanticídio, a prostituição e as brigas de rua. Hoje é a droga, segundo a professora.

Direito ao trabalho na prisão

Após a Proclamação da República foram redigidos nova Constituição e código penal, e abolidas as penas de morte, desterro e galés. A prisão tornou-se a pena preferencial. O código estabeleceu normas para a segurança e a higiene dos

detentos, a segurança dos guardas, a separação por categorias de presos - homens, mulheres e crianças, por tipos de crimes, e inspeção freqüente dos presídios. Foi criado o conceito de regime carcerário aplicado: a menos que não fosse possível, os presos trabalhariam durante o dia e dormiriam à noite na prisão. É a idéia da prisão celular. Caso não houvesse possibilidade de trabalho, a pena seria acrescida em 1/6. Uma das principais lutas hoje permanece a de se proporcionar trabalho aos presos. Bem organizado, corretamente orientado e remunerado, representa for-



te estímulo à recuperação, reeducação, humanização e profissionalização do detento.

Como a chamada Lei "Áurea" só encerrou a escravidão, os negros passaram grandes privações. A Lei de Terras de 1850 já lhes havia fechado o caminho do acesso à terra. No 13 de maio de 1889, não houve a reforma agrária, que parte dos abolicionistas cobrava, nem qualquer outra forma de apoio. Em razão disso, e também porque eram substituídos por imigrantes nas lavouras, grande quantidade de negros teve de mudar-se para as grandes cidades, especialmente o Rio.

Mesmo no Nordeste — onde as

"o sistema penitenciário, como está, serve de alguma forma ao Estado como instrumento de exclusão social contra as camadas mais pobres e como seu amedrontador".

tentativas de imigração fracassaram — o trabalho era escasso ²; a fome, muita. Mas a perseguição policial era implacável em todos os lugares, abarrotando as prisões com negros pobres, sem emprego fixo. Invocava como pretextos - segundo a professora - os crimes de mendicância e vadiagem. A Constituição republicana, esquecendo-se que cometia crime no Império quem alfabetizasse os negros, os excluiu do processo político por serem analfabetos.

Regina avalia que o sistema penitenciário evoluiu pouco ao longo do século XX, no tratamento ao preso, ao regime interno da prisão, à maneira de administrar e à forma do Estado agir nesse campo. Ela considera mesmo que "o sistema penitenciário, como está, serve de alguma forma ao Estado como instrumento de exclusão social contra as camadas mais pobres e como seu amedrontador".

Como o preso "comum" foi descoberto

A superlotação das prisões - que parece fenômeno recente porque a imprensa pouco falava disso - é, segundo a professora, cenário antigo do Brasil, do século passado. E também sempre houve torturas, violên-

cias, omissão do Estado contra o preso dito "comum".

O quadro começou a se tornar mais conhecido quando pessoas da classe média, especialmente jovens idealistas em conflito com o Estado, começaram a ser trancafiadas nas mesmas celas. Em 1935, por exemplo, quando ocorreu a chamada "intentona comunista" foi um deus-nos-acuda: 10 mil pessoas foram presas. Foi necessário transformar navios em prisões, lembra a professora. O escritor Graciliano Ramos, também preso "político", descreveu o ambiente no livro "Memórias do Cárcere". Regina diz que os chamados presos políticos consideravam-se então política e intelectualmente superiores aos presos comuns", descritos até como "nojentos, sem educação".

Esses cenários de horror voltaram a ser compartilhados por representantes da classe média contra os governos militares a partir de 1964. Muitos militantes, seminaristas e religiosos também foram presos. Na medida em que setores da Igreja Católica e de outras igrejas cristãs mobilizaram-se por sua libertação e

por anistia, em conjunto com sindicatos, partidos e outras organizações, uma nova visão da prisão foi plasmada, lembra o manual da Campanha da Fraternidade.

As pioneiras comissões Justiça e Paz, criação suscitada pelo Papa Paulo VI, que tiveram grande atuação em defesa dos prisioneiros políticos, serviram de modelos para a criação de mais de uma centena de centros de defesa dos direitos humanos em todo o País, dedicados agora aos chamados "presos comuns". Multiplicaram-se os profissionais do Direito dotados de visão crítica, ao mesmo tempo em que se tornaram frequentes as rebeliões e fugas de prisões superlotadas, nos distritos policiais ou presídios.

Passou-se cada vez mais a buscar e a estudar as razões pelas quais as pessoas são levadas a serem presas; percebeu-se o tratamento desigual da Justiça em relação a ricos e pobres; começou-se a mostrar à sociedade os absurdos e as precariedades das prisões superlotadas, e a combater preconceitos. Concluiu-se que prisão não reeduca, nem recupera a maior parte dos presos.

Avança a pena alternativa

O que se busca agora é definir o que de fato deve ser motivo de prisão. Na opinião de Regina Célia Pedroso, a prisão tem de ser um instrumento especializado apenas para o tratamento e reeducação dos criminosos que têm tendência ao crime, "não para os que cometem uma infração, uma ou outra vez na vida". Os juízes têm insistido cada vez mais em trocar a prisão por penas alternativas, como prestação de diversos tipos de serviços à comunidade.

Regina mostra-se muito preocupada com a questão das crianças e adolescentes infratores. Avalia que a situação desses internos é tão deprimente quanto a dos adultos: superlotação, humilhações, revolta, inexistência de qualquer tratamento de recuperação. Unidades com 350 vagas têm em torno de 1.000 internos. As crianças dormem uma em cima da outra e são obrigadas a observar atitudes de subserviência, em circunstâncias como andar agachadas e com as mãos na cabeça, que só as revoltam mais. "É um momento importante da vida da criança para seu futuro; é o momento da formação do seu afeto. O perverso na questão do encarceramento é que a criança fica dez anos lá jogada, presa, e depois se quer que volte a viver a vida normal. A criança terá propensão ao crime mesmo porque só conheceu aquele mundo", alerta. ■

¹ *Cristo Liberta de Todas as Prisões - A Fraternidade e os Encarcerados, Texto-Base, CF-97, págs 36-37, CNBB/Ed Salesiana D. Bosco, Brasília, 1997.*

² *Eisenberg, Peter L. Modernização Sem Mudança, págs 169-225, Coed Ed Paz e Terra/Unicamp, Rio, 1977.*



Madre Teresa de Calcutá

Luciano Mendes de Almeida

A exemplo de Jesus, madre Teresa passou a vida fazendo o bem. Estimada por todos pela sua consagração a Deus e incansável dedicação aos pobres, tem merecido a homenagem de cristãos, hindus e muçulmanos que a veneram pela sua exímia santidade.

Madre Teresa, humilde e despojada dos bens desta terra, de onde hauria sua força? Era na oração que encontrava a energia para devotar-se, com ternura, em nome de Deus, aos mais desamparados.

Diante do sofrimento sabia abrir seu coração e os braços, numa atitude de profunda compaixão para com os órfãos, os oprimidos e moribundos das ruas de Calcutá.

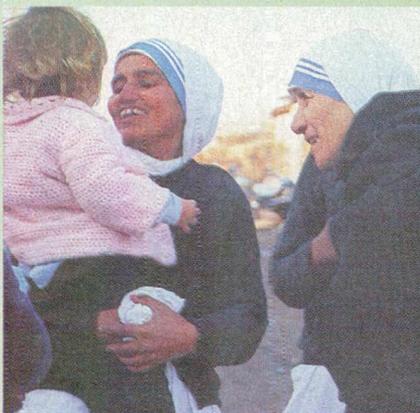
Tive a graça de conhecê-la em Roma e de conversar com ela durante o mês de outubro de 1994, por ocasião do Sínodo sobre a Vida Consagrada.

Madre Teresa não só participava de todas as atividades, mas foi convidada a falar, na presença do papa João Paulo II, a todos os bispos e demais membros. Com voz clara e meiga exortou-nos ao amor de Cristo. Suas palavras nos impressionaram muito e fizeram-nos entrar, quase sem perceber, em comunhão com Deus. Inesquecível.

No intervalo procurei-a para agradecer a bela mensagem. Olhou-me com candura e disse-me que iria rezar sempre pelos sacerdotes e a Arquidiocese de Mariana.

Sua face cheia de rugas abrigava um sorriso de bondade e paz. A exemplo de Maria, Mãe de Deus e nossa, madre Teresa tornou-se mãe

**Madre Tereza
sabia perceber nos
corações aflitos a
angústia e procurava
a todos revelar o amor
de Deus – “quem não
ama ao irmão que vê,
como poderá amar a
Deus que não vê?”
(1Jo 4,20).**



dos pobres, solícita em captar, no semblante dos filhos de todas as raças, a dor que cada um encerra dentro de si. Quem não se lembra das fotografias em que levava no colo crianças franzinas e doentes, lutando para dar-lhe afeto e vida?

Sabia perceber nos corações aflitos a angústia e procurava a todos revelar o amor de Deus – “quem não ama ao irmão que vê, como poderá amar a Deus que não vê?” (1Jo 4,20).

Entre as alegrias de madre Teresa certamente se encontra a graça de ter podido comunicar a outros a sua espiritualidade e fundar os Missio-

nários da Caridade e outros institutos de vida consagrada que têm se multiplicado em 120 países e, hoje, são testemunho de confiança em Deus e devotamento aos mais desamparados.

Seu carisma está presente entre nós em várias obras. Na rua Cotoxó, em São Paulo, a Casa Serena tem abrigado centenas de adolescentes e jovens que perambulavam pelas ruas e aí encontraram acolhida e orientação por parte do padre Jaime Chacko, de Querala e outros discípulos de madre Teresa.

No mundo marcado pelo egoísmo que desconhece o sofrimento alheio, a vida abnegada da mãe dos pobres é sinal da prioridade do amor e abre horizonte de esperança.

Na beleza de seu olhar, transparecia o segredo da felicidade ensinado por Jesus: “Maior é a alegria de quem dá” (At 20,35).

Interessada pelo bem de todos, com carinho materno, convidou até a princesa Diana a dedicar-se aos pobres — para além da decepção de um afeto não correspondido e da pompa e formalismo vazio da corte — e a encontrar o sentido da vida no dom de si aos mais necessitados.

Cristo, na sua infinita bondade, não esquece o copo d’água que dermos por amor. No céu, acolhe com festa madre Teresa e a todos que aprendem com ela, como a princesa Diana, a levar as crianças aidéticas no colo e cuidar com afeto dos pobres e excluídos. ■

Luciano Mendes de Almeida é Arcebispo de Mariana.

Mundo encantado

Frei Betto

As novas tecnologias de comunicação têm modificado nossa maneira de pensar. Até os anos 70, nossa mente não fugia muito do escolasticismo introjetado pela educação escolar. Tínhamos um raciocínio dialético, alternando tese, antítese e síntese.

Agora, com a Terceira Revolução, a da cibernética (a primeira foi a agrícola, que durou 50.000 anos; a segunda, a industrial, eclodida há 100 anos), começamos a pensar a partir das noções de redes, paradoxos, simulações, interatividade, inclusive entre o ser humano e a máquina.

Vivemos a era da convergência entre o telefone, a informática e o sistema radiotelevisivo. A compressão numérica permite-nos dispor, num mesmo terminal, de variado leque de imagens, sons e dados. Podemos, assim, ver TV no computador e, por telefone, enviar mensagens escritas e/ou visuais (fax/email) e decidir o enredo dos programas televisivos (ex: *Você decide*).

Prevalência da imagem

Nesse cipoal de novas tecnologias de comunicação, vence a imagem. Sua supremacia tende a reduzir a função do jornalista como intermediário entre o fato e o público. Bem o demonstra a

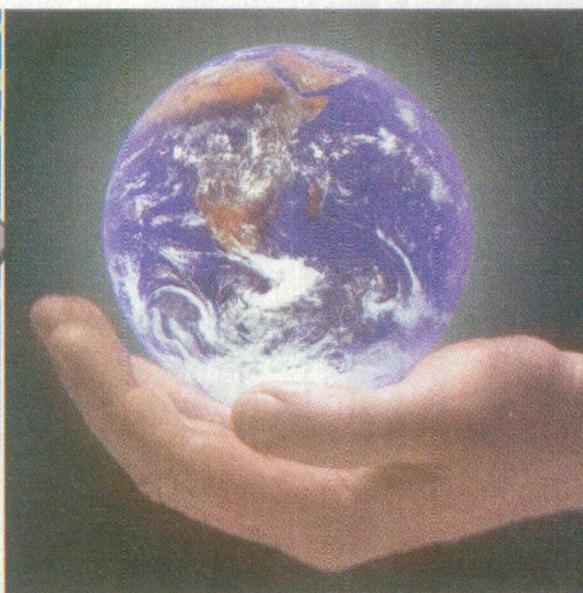
Nesse cipoal de novas tecnologias de comunicação, vence a imagem. Sua supremacia tende a reduzir a função do jornalista como intermediário entre o fato e o público.

transferência de Boris Casoy e sua equipe para a Record. O que esteve em jogo não foi a seleção e o conteúdo das notícias por ele divulgadas, mas a sua imagem, seu desempenho diante das câmaras.

Boris Casoy destoa da imagem pasteurizada de Cid Moreira, da qual a Globo custa a se livrar, mesmo introduzindo novos apresentadores. Contudo, os novatos não têm a liberdade de comentários críticos permitida a Casoy. Tenta-se o tempero com Arnaldo Jabor, que não tem suficiente graça para ser humorista, nem suficiente independência para criticar o governo.

Boris Casoy enfatiza sua

imagem mediante comentários críticos, o tom moralista, a indignação espontânea (que o levou a dar uma solene “banana” em rede nacional), o posicionamento político, com liberdade de manifestar tanto seu horror ao cigarro (ainda que o canal para o qual trabalha seja transmissor de publicidade da indústria do fumo) como seu apoio à lei que protege os direitos de casais homossexuais. Nesse sentido, seu estilo é único. Os demais apresentadores ainda trabalham em camisas-de-força, subjetivas ou objetivas, que impedem que enfiem o nariz na câmara até encostá-lo no nariz do telespectador.



da teledemocracia

A CNN, ao mostrar, em outubro de 1993, o ataque das tropas de Ieltsin contra o parlamento russo, não fez nenhum comentário. Limitou-se a exibir imagens, evocando a onipresença do telespectador. Algo semelhante ocorreu quando a embaixada japonesa em Lima foi invadida pelas tropas que derrotaram os guerrilheiros do Tupac Amaru e libertaram os reféns.

Descontextualização

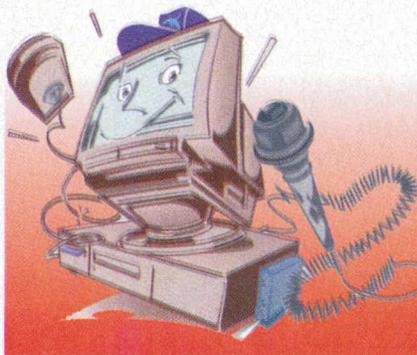
Esse processo de mera visualização dos fatos reforça uma tendência perigosa da mídia: a descontextualização. Embora a tecnologia funcione em redes, a notícia tende a ser ancorada apenas na imagem.

Sem análise jornalística, mostrando os antecedentes e as implicações, o telespectador fica desprovido de contextualização. O “Quem? Por quê?” dos meus tempos de aluno do curso de Jornalismo da Universidade do Brasil, no Rio, tem lá a sua utilidade.

A TV é uma realidade virtual. Ela nos traz a sensação de estar presentes aos acontecimentos, sem risco de ser afetados por eles, exceto em nossa sensibilidade. Isso favorece novos comportamentos, como restringir a participação na vida social à mera informação. Engajada, outrora,

era uma pessoa inserida num dos canais de mediação política da sociedade (movimentos sociais, sindicais, partidários, culturais, ideológicos, religiosos, etc.). Hoje, basta “saber das coisas”. Isso de tal modo faz parte da consciência e do hábito do emissor, que ele chega a se sentir muito incomodado quando os fatos o obrigam a alterar a programação previamente estabelecida.

O desafio da mídia, hoje, é fazer do trivial espetacular. É o modo de conquistar leitores e audiência. Não interessa tanto nos fazer refletir. Importam o fantástico, o inusitado, o maravilhoso, o paradoxal. Nossas emoções são o alvo, não nossa cabeça. Assim, somos convocados *Você decide* de situações virtuais, românticas, hipotéticas, pois não convém centrar o debate público em torno dos salários, da reforma agrária, do Real e do governo. Ou caímos na malha do videogame que, em troca de R\$ 3,00 por telefonema e uma alternativa entre duas — tipo “quem mente mais, o homem ou a mulher?” — promete-nos



luzícios automóveis.

A teledemocracia ainda é restrita ao mundo encantado do entretenimento. Está mais para Disneycracia. Salvo raríssimas exceções, de publicações e programas de rádio ou TV, ainda estamos longe de uma mídia que dê conta de suas cinco funções, sem excluir nenhuma: 1) Informação; 2) Entretenimento; 3) Transmissão do patrimônio cultural; 4) Aprimoramento da consciência e do Espírito; 5) Mobilização (em função de uma causa ou de um produto, de um candidato ou de uma utopia).

Quanto ao que realmente interessa, perdura a ditadura do consenso. ■

Frei Betto é escritor, autor do romance *Entre todos os homens* (Ática)

A energia eficaz

“... animados de eficaz energia segundo o poder de Sua glória, para toda constância e longanimidade...” (Cl 1,11)

Geraldo Araújo de Lima

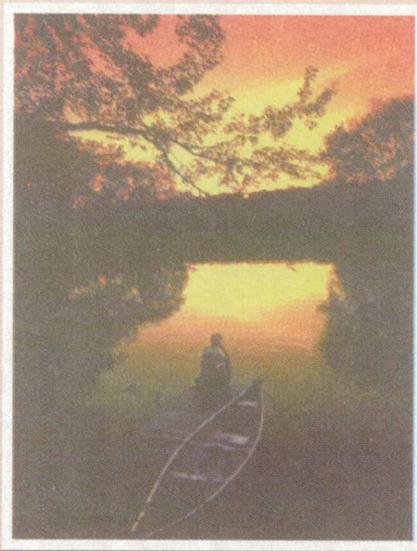
Paulo, o grande Apóstolo do Cristianismo, escreveu belíssimas cartas, todas fruto da grande paixão que ele nutria por Cristo Jesus. Numa delas, a Carta aos Colossenses, ele registra esta expressão de profunda sabedoria: *“não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais levados ao pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e discernimento espiritual”* (Cl 1,9).

Aqui está algo de suma importância. Muitas vezes nós nos fazemos esta interrogação: “Qual é a vontade de Deus? O que é que Ele está querendo de nós?”

Ora, de que maneira poderemos saber qual a vontade de Deus? Isto é muito difícil (sabe-o bem o próprio Paulo). Se já não me é fácil conhecer qual a vontade de alguém que me é próximo, do ponto de vista físico, e que está ao meu alcance, quanto mais a vontade de Deus, que me escapa por completo, dada a Sua magnitude? É exatamente por conta disso que Paulo diz que *“não cessa de orar e de pedir que eles (os colossenses) sejam levados ao pleno conhecimento da vontade de Deus”*. E, na verdade, é isso que todos nós queremos: obter o pleno conhecimento da vontade de Deus.

Mas, como chegar a este ponto? É fazer como Paulo diz: orar sem cessar. E não há outra maneira. É pedirmos que se faça a Sua vontade e que Ele nos dê aquela sabedoria e aquele discernimento espiritual.

Tenho a convicção de que quando nos entregamos à vontade de Deus, mesmo sem conhecê-la explicitamente, o próprio ato da entrega vai desenvolvendo dentro de nós aquela sabedoria, a qual, por sua vez, vai gerando o discernimento espiritual. Estamos todos acostumados a encontrar pessoas simples que se entregam completamente nas mãos de Deus, sem mesmo se preocuparem em saber onde está, de fato, a vontade dele. Entregam-se apenas e ponto final.



Quando Maria disse: *“Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua vontade”* (Lc 1,38), certamente ela não tinha um conhecimento prévio de tudo o que iria acontecer em sua vida, com todos os detalhes. Mas ela faz a entrega e os acontecimentos vão se desenrolando de acordo com a vontade de Deus. Assim, dentro dela vai crescendo uma sabe-

doria, uma percepção, um “sétimo sentido” (porque o sexto sentido é uma intuição psicológica natural em todos nós). Este “sétimo sentido” termina sendo aquilo que nós chamamos de discernimento espiritual.

Acredito que os santos, como Francisco de Assis, Teresa de Ávila, e tantos outros, não viviam preocupados em identificar a cada instante qual a vontade de Deus. A vontade de Deus, para eles, era o ar que eles próprios respiravam. Mas Paulo nos diz que não chegaremos lá a não ser através da oração constante, da entrega permanente.

Navegando ainda pela Carta aos Colossenses, encontramos outra expressão de relevância: *“Assim andareis de maneira digna do Senhor, fazendo tudo o que é de seu agrado, dando frutos em boas obras e crescendo no conhecimento de Deus, animados de eficaz energia segundo o poder da sua glória, para toda constância e longanimidade, com alegria dando graças ao Pai, que vos fez capazes de participar da herança dos santos na luz”* (Cl 1,10-12).

Que complexidade! Ainda bem que, quando estudante, nenhum professor me propôs fazer a análise sintática de tal período. Mas vamos analisá-lo exegeticamente, por partes.

“Assim andareis de maneira digna do Senhor, fazendo tudo o que é de seu agrado...” Aqui Paulo está se reportando ao hábito da oração constante, através do qual poderemos alcançar a sabedoria e o discernimen-

to espiritual sobre a vontade de Deus. Quem enxerga a vontade de Deus na vida, nos acontecimentos, em tudo, termina andando de maneira digna do Senhor. Isto é lógico! Porque, se a pessoa está empenhada em saber qual a vontade de Deus a seu respeito, é porque está empenhada em andar de maneira digna do Senhor. Você poderá perguntar: “o que é andar de maneira digna do Senhor?” A resposta é: “fazendo aquilo que é do Seu agrado”.

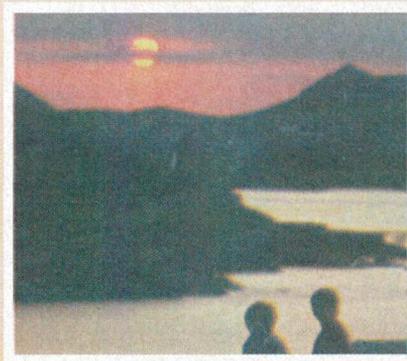
E uma coisa vai levando a outra. É a ilação lógica do pensamento de Paulo. Assim, como podemos saber se o que fizemos é do agrado de Deus? O critério de avaliação, aquele que haverá de dar a resposta adequada, são os FRUTOS. Efetivamente, as nossas boas obras são fruto do Espírito Santo, pois as “obras da carne são intrinsecamente más e contrárias às do Espírito. “Eles se opõem reciprocamente” (Gl 5,17). Entre os frutos do Espírito, Paulo enumera o amor, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a fidelidade, a mansidão e o autodomínio. O critério das obras é importantíssimo, pois sem elas “uma fé capaz de transportar montanhas seria inútil” (cf. 1Cor 13,2). Afinal de contas, “a fé sem as obras está morta em seu isolamento” (Tg 2,17).

O “orar sem cessar”, que gera a sabedoria e o discernimento espiritual, leva a pessoa a praticar as boas obras, as quais, por sua vez, levá-la-ão a crescer no conhecimento. “Crescer no conhecimento” é um constante apelo que Paulo nos faz nos seus escritos.

Interessante: nós crescemos em nós! As coisas do Espírito têm essa qualidade: ficamos sem saber se é o conhecimento que cresce em nós ou se somos nós que crescemos no conhecimento; se é Deus que cresce em nós ou se somos nós que crescemos em Deus. Afinal, tudo deve convergir para aquele sonho dourado de

Jesus: “*Para que sejam um, como Nós somos um: Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade*” (Jo 17,22-23).

“... *animados de eficaz energia...*” Outro ponto aqui muito importante para nós cristãos! Há uma energia ineficaz: perdemos tanto tempo com bobagens lendo tantas coisas que não precisavam ser lidas, empregando o tempo com coisas que poderiam ser dispensadas... Este é um exemplo de energia que não se traduz em investimento espiritual, porque não produz os frutos das boas obras. Por isso que é importante termos uma espécie de programação epiritual, ou seja, empregar toda a



nossa energia vital em obras que produzam frutos. Esta é a energia eficaz, que deve nos animar. Paulo sabe disso, pois ele próprio era um poço dessa energia. Antes de sua conversão, ele a usou de maneira ineficaz; mas, agora, tendo crescido no conhecimento, sabe que é preciso ser animado de uma energia eficaz. Essa energia, porém, não é gerada apenas pela nossa iniciativa, mas vem do poder de Deus. Razão porque é tão importante mantermos essa intimidade com Deus, através do orar sem cessar. É o que Paulo chama de “exercício da piedade”: “Exercita-te na piedade. A pouco serve o exercício corporal, ao passo que a piedade é proveitosa a tudo, pois contém a promessa da vida presente e futura... Pois se nós trabalhamos e lutamos,

é porque colocamos a nossa esperança no Deus vivo” (1Tm 4,7-10).

E, num crescendo, Paulo completa dizendo que tudo isso é “*para chegarmos a toda constância e longanimidade, com alegria dando graças ao Pai, que vos fez capazes de participar da herança dos santos na luz*”. Vejamos mais detalhadamente esse ponto.

Estamos aqui diante de duas palavras muito caras ao linguajar bíblico: *constância e longanimidade*. Aparentemente são sinônimas, mas cada uma conserva suas características individuais. “Constância” é a qualidade de quem é *constante*, ou seja, de quem se mantém de pé, inalterável, incessante, contínuo, no meio de qualquer turbulência ou contratempo. “Longanimidade” é a qualidade de quem tem *ânimo longo*, de quem não é volúvel “qual piuma al vento” (= qual pena ao vento), de quem é corajoso e resignado.

Boa parte dos livros bíblicos foram escritos em tempo de perseguição, em momentos de prova. Por isso, insistem tanto nestas duas virtudes: “Não temas nem te apavores, porque teu Deus está contigo por onde quer que vás” (Js 1,9); “de fato, é de perseverança que tendes necessidade, para cumprirdes a vontade de Deus e alcançardes o que ele prometeu” (Hb 10,36). Nem devemos esquecer que a própria Carta aos Colossenses foi escrita na prisão, no primeiro cativeiro de Paulo em Roma. As perseguições contínuas e as diversas prisões levam o Apóstolo a aquilatar o valor estupendo destas duas palavras: constância e longanimidade. Sem elas qualquer tipo de testemunho murcha e fenece.

Neste momento, penetrando sutilmente no mundo misterioso do sofrimento, Paulo encaixa com fineza a palavra “alegria”, que é das mais fantásticas descobertas realizadas pela vivência evangélica: a bem, >>

(Continua na página 30)

Nossa Senhora Anunciada



Roque Vicente Beraldi

ta, para examinar de perto o que estava forçando o graveto saltar. Observou tratar-se não de um cavaco qualquer, mas, de uma pequena imagem da Mãe de Deus. Estava incrustada naquele pau miúdo, medindo, aproximadamente, “um terço de palmo” conforme relato de José Custódio Vieira da Silva, em Setúbal, 1990.

Atônita com a descoberta, saiu às pressas, “anunciar” às vizinhas o fato prodigioso. Daí a origem do nome. As piedosas companheiras foram ver a Senhora Anunciada.

cando os poços, fontes e rios, causando muito incômodo a todos os seres vivos.

Tanta repercussão causou esse “milagre” que muitas celebridades solicitaram o ingresso na Irmandade. Entre elas D. João III e Dom Sebastião.

A imagem recebeu outros nomes: “Senhora da Águia; Senhora Pequena; Senhora Angelical”. O mais conhecido é Anunciada.

Em dias determinados, a imagem era exposta à veneração dos fiéis, em agradecimento pelo generoso amparo com a chuva abundante.

Celebra-se em 25 de março.

Oração a Nossa Senhora da Anunciada

*Maria, Mãe de Deus!
Humildemente imploramos
a vossa intercessão para
alcançarmos a graça de
compreender que, vosso
Filho Jesus é a fonte de todo
eterno bem, infinitamente
maior que a mais abundante
chuva, símbolo da vossa
bondade. Amém*

*Nossa Senhora Anunciada,
rogai, por nós!*

Nota: Estas informações foram enviadas de Setúbal, pelo Pe. Manuel Leal, cmf.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário

Autenticidade

Esta tradição que vem de pais para filhos, encontra-se registrada no “Cartório” da Confraria de Nossa Senhora da Anunciada. Ocorreu no tempo dos reis Dom Sancho II ou Dom Afonso III, por volta dos anos 1235 a 1250.

Fatos relevantes

Entre os acontecimentos mais notórios ocorridos por intercessão de Nossa Senhora da Anunciada, foi a chuva abundante que caiu, imediatamente quando terminou uma procissão de penitência. A seca vinha a dois anos sacrificando toda a região, reduzindo as terras em seixos, se-

Em Setúbal, Portugal, apa- receu a devoção a Maria com o título de Anunciada. Este nome parece provir do anúncio que uma senhora fez ao separar com pequena imagem representando a Mãe de Deus.

O encontro da imagem

Certa mulher acostumava procurar lenha para cozinhar. Numa das vezes, ao acender o fogo, quando colocava os gravetos para alimentar as chamas. Um deles caiu fora. Sem nada suspeitar, a arciã recolocou-o no fogão. Novamente o graveto saltou longe, jogado por uma força invisível. Isto aconteceu por umas três vezes, o que despertou a curiosidade daquela velhinha. Pegou a vare-

O que é pecado?...

Isidoro de Nadai

Nossos manuais de teologia e de confissão traziam a longa lista de pecados mortais e veniais. E o faziam com uma segurança impressionante e, por isso, suspeita. Hoje, ninguém se atreve a fazer isso.

Não se pense, porém, que essa recusa se deva exclusivamente à confusão característica de nossa época. Os teólogos e moralistas mais lúcidos sempre se recusaram a executar essa tarefa, pois a julgavam arriscada.

Eis o que dizia, por exemplo, Santo Agostinho: "É muito perigoso determinar concretamente o que é pecado grave e o que não é. Se perguntamos pelos pecados que fecham a entrada do Reino de Deus, nos defrontamos com uma questão muito difícil e arriscada. Embora me tenha empenhado nessa investigação, até agora não o consegui" (*Da Cidade de Deus*).

A partir do Concílio de Trento é que os moralistas passaram a julgar fácil a tarefa, e se compraziam em elaborar listões, que arrolavam uma imensidão de pecados mortais.

Hoje, ao contrário, há uma generalizada recusa em admitir critérios objetivos para julgar se uma atitude é ou não, pecaminosa. As pessoas só

têm como pecado aquilo que, subjetivamente, acham que o é. Trata-se de pura opinião pessoal.

Ontem, tudo era pecado. Hoje, nada é pecado. Não se consideram pecado nem sequer as mais hediondas infrações dos Mandamentos de Deus.

Mais uma vez, confirma-se a verdade de que os extremos se tocam. Ontem, cometeu-se o pecado de rotular quase tudo como pecado grave. Hoje, como consequência, come-



te-se o pecado maior de justificar os mais terríveis crimes...

Não quero cometer a imprudência de apresentar novo listão. Imagino, porém, que não me é proibido apontar determinadas atitudes e ações que colidem violentamente contra os valores do Reino de Deus e que, por isso, não podem deixar de ser considerados como pecados graves, mesmo que pensemos o contrário.

Assim, é que nenhuma consciência que não se tenha calejado brutalmente e que não se haja subtraído

totalmente à luz da Palavra de Deus e da razão humana, deixará de ter como pecado mortal a tortura, o seqüestro, o assalto a mão armada, o aborto, a violência sexual, o terrorismo, o tráfico de drogas, a infidelidade conjugal, o adultério, a sentença conscientemente injusta nos tribunais, o abuso de poder, a corrupção, o desfrute irresponsável do sexo, a calúnia, o suborno, o desvio de dinheiro e de outros bens públicos em proveito próprio, a

defesa de estruturas injustas que privilegiam grupos e classes, o malfício (despachos com intenção malfética), as trapacas graves e habituais no comércio, o desejo e a maquinação de vingança, a sonegação do salário justo, a corrupção de menores e de outros inocentes,

o desrespeito grave e o abandono dos pais por parte dos filhos ou dos filhos por parte dos pais, as campanhas ateístas, a publicação e divulgação de revistas pornográficas...

Certamente que haverá outros pecados graves. O que quisemos foi tão somente demonstrar que o pecado é assunto sério e atual, que é uma questão real e objetiva e não mera projeção de mentes doentias e timoratas. ■

Isidoro de Nadai é sacerdote, Missionário Claretiano.

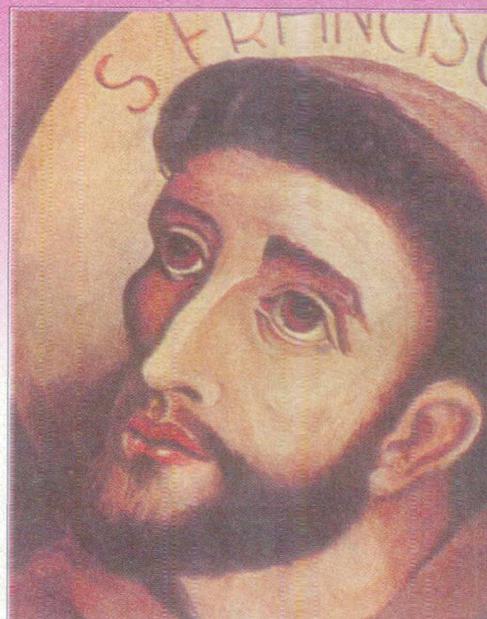
Francisco de Assis

O início do século XIII marca, na Igreja e no mundo, o período dos santos mais conhecidos e populares: Santa Clara, Domingos, Antônio de Pádua e Francisco de Assis. Francisco foi um dos mais estimados, segundo os hagiógrafos (escritores da vida dos santos), o que mais se aproximou do estilo de vida de Jesus Cristo.

Um pouco antes, século XII, apogeu do Papado, fim da Idade Média, a Igreja tem uma presença marcante no destino do mundo ocidental. Um poder extraordinário

e, muitas vezes, ao se colocar diante dos assuntos temporais, perdeu de vista sua missão espiritual e evangelizadora. Em alguns momentos, cometeu arbitrariedades e se afastou da verdade. Isto provocou reações fortes para uma volta à Igreja dos Evangelhos, mais humilde, pobre, carismática e testemunhante. Desses protestos geraram cismas e heresias. Francisco de Assis permaneceu firme e foi um dos arautos da reforma da Igreja.

Francisco, que na verdade se chamava João, era filho único de



Antônio Maria Claret

O século XIX foi difícil para a Igreja, quando nasceu um dos maiores missionários, Claret. As teorias iluministas e liberais da Revolução Francesa geraram, na Europa e países latino-americanos revoluções e guerras civis com objetivos econômicos e políticos voltados para a emancipação das classes burguesas e liberais.

Em função das guerras, vários países europeus foram assolados por grande pobreza material e aridez espiritual. A Igreja tentava manter muitas estruturas do passado e não conseguia manter um diálogo aberto com as novas correntes culturais e políticas. O clero está abandonado e o povo

carente de pastores e de líderes políticos que realmente implantem na sociedade a igualdade, fraternidade e liberdade.

Antônio Maria Claret um 'apaixonado pelo Evangelho e pela Igreja' foi missionário popular, grande pastor, orientador de consciências, escritor, catequista organizador". (Conf.: Arns Cardenal, Santos e Heróis do Povo, EP, SP 1985, pg. 405).

Claret nasceu na Catalunha, Espanha, filho de uma família cristã. Seu pai era um modesto tecelão e é no tear que o pequeno Antônio demonstra suas extraordinárias aptidões para prosseguir na profissão do pai. Apesar de um

futuro brilhante, ele renuncia a tudo para dedicar-se ao Senhor, especialmente às missões. Tenta entrar na Propaganda Fidei, na Companhia de Jesus, mas retorna à sua diocese depois de não conseguir realizar tais projetos. Coloca-se a serviço dos bispos e passa a pregar a Palavra de Deus em várias regiões. Vence que não poderia realizar a obra sozinho, com 5 companheiros funda a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria ou Missionários Claretianos, que chegaram ao Brasil no ano de 1895. Trabalhou em Cuba, na corte espanhola e procurou sempre, por todos os meios

— 4 outubro — (1182-1226) — Religioso

uma família cristã, rica, de comerciante. A juventude de Francisco foi como a de muitos nobres de seu tempo: frívola, mundana e sem sentido. Não foi feliz na profissão do pai, tentou ser um cavaleiro, mas também não se realizou. Em 1206, encontrou o verdadeiro sentido de sua vida: o Cristo pobre e humilde.

Abandonou tudo e passou a viver a mendicância. Pobre, passa a servir aos mais pobres e doentes seguindo à risca o Evangelho, amando a todas as criaturas, inclusive os animais. Seus amigos

o seguem e temos, então, a fundação da Ordem das Damas Pobres ou Clarissas; depois nascerá a Ordem Terceira para os leigos consagrados.

Sua vida estimula muitos a doar-se a Jesus: cite-se o diálogo e convivência com os animais; a pobreza total; renúncia aos bens paternos; contato direto com os enfermos; etc.

Hoje, quando o ser humano parece buscar a alegria e a felicidade nos bens materiais, no poder, na concupiscência, Francisco ao contrário, é modelo de:

- total entrega a Deus;
- ruptura com o passado e com as correntes que dificultam o seguimento de Jesus Cristo;
- vida desapegada dos bens e estruturas que tornam a vida do homem menos digna;
- amor e respeito à natureza, obra da criação de Deus;
- dedicação e respeito à Igreja, que apesar de suas limitações, pode ser transformada pelo amor, pela escuta da Palavra de Deus, pela humildade e pela dedicação a todos, especialmente aos mais pobres e sofredores. ■

— 24 agosto — (1807-1870) — Bispo e missionário



possíveis, desenvolver a atividade missionária, onde estivesse.

Como ocorre com todos os que pregam o Evangelho, as perseguições não foram poucas, sofreu vários atentados, morrendo exilado na França, num mosteiro cisterciense. Imitando ao grande Papa Gregório VII, na lápide de seu túmulo encontramos a seguinte frase: “Amei a justiça, odiei a iniquidade, por isso morro no exílio.”

Em nossos dias, vemos tantos erros e falsas ideologias; em que a Igreja muitas vezes não consegue comunicar a sua mensagem, os poderes públicos e econômicos se corrompendo e gerando morte,

violência, marginalização e discriminação, Claret é modelo de:

- ruptura com possíveis benefícios que o mundo pode dar;
- dedicação total e integral ao projeto de Deus, na sua Igreja;
- fortaleza nas perseguições e firmeza na busca e testemunho da verdade;
- criatividade pastoral;
- atenção e sensibilidade ao mais urgente, oportuno e eficaz;
- piedade e devoção mariana que gera a vontade de inflamar o mundo no fogo do divino amor. ■

Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.

O vínculo entre uma família pode ser pelo ciúme

Wimer Bottura Jr.

Um caso interessante, onde o ciúme pode se transformar em um pilar de sustentação da família, é o de Emanuel.

Emanuel foi educado por uma mãe superprotetora, um típico exemplar de “galinha choca”: Dona Miriam, cuja única fonte de afeto era seu obeso filho.

Dona Miriam sempre conviveu com o ciúme do marido. Aliás, ele nunca gostou muito de sexo e, para se livrar do assédio da esposa, empurrava-a para um bom prato e para o filho. Assim, gorda, a esposa não iria despertar interesse em outro homem e, estando sempre com o filho, não teria tempo para pensar em bobagens. Naquela casa, tudo sempre esteve de acordo com as exigências do ciúme do marido.

Emanuel e sua mãe passaram a maior parte da vida trocando guloseimas, já que não podiam e não sabiam trocar outras coisas. Como Emanuel cresceu sempre adocicado e repleto de presentes, nunca sentiu necessidade de amor e sexo por uma mulher.

No entanto, chega uma idade que todo homem deve se casar e, então, Emanuel se casou. Sua esposa, Edna, também se casou porque lhe disseram que havia chegado a sua hora de constituir uma família. Vinda de um lar simples, agarrou com unhas e dentes a oportunidade de melhorar de vida. Pouco entusiasmada e muito dependente, logo aceitou a idéia de Dona Miriam de ter o primeiro filho.



Apesar de todos torcerem pelo nascimento de um garotão, veio uma menininha. Ela ganhou o nome da avó paterna, a avó obesa.

Desde o primeiro dia, a criança já começou a ser tratada com a superproteção da avó. Afinal, aquela era a filha do Junior e a mãe, ora, mãe é mãe. Mãe é uma pessoa com sentimentos puros, sem fantasias, sem opiniões. Mãe não passa de um grande útero para a família do marido. Este era o pensamento dominante dessa família.

A filha do Junior crescia linda, gordinha, saudável e Dona Miriam estava reluzente de felicidade. A menina era um pouco malcriada com a mãe, aliás, não a respeitava nem um pouco. Na verdade, Edna era o único foco de desarmonia nesta família exemplar: desenvolveu um ciúme doentio pela filha. Brigava com o marido porque não queria que a sogra visitasse a neta, não queria que ela mimasse a menina, que trouxesse tantos doces e sobremesas. Tinha ciúme da filha, mas, ao mesmo tempo, rejeitava a menina, pois se não fosse por Mirinha, ela poderia se separar do inútil marido e se ver livre da sogra obesa.

Edna não teve tempo de articular bem essas idéias porque, meses depois, estava grávida do segundo filho. E, desta vez, veio um netinho!

A família ficou radiante. Finalmente, a nora deu um neto aos avós: a cara do Junior!

Neste caso, podemos notar que o ciúme une a família. Um ciúme cuja semente está na relação entre pais e filhos, repleta de manipulações e sentimentos confusos, dentro de uma lógica aparentemente sadia. À primeira vista, uma família deste tipo até parece normal.

Não é à toa que Freud descreveu os complexos de Édipo e de Electra. Com mecanismos muito mais sofisticados do que possamos imaginar e presenciar, a criança cria fantasias erógenas com o genitor do sexo oposto e fantasias sobre a morte do genitor do mesmo sexo. A partir dessas fantasias, a criança passa a desenvolver um sentimento de culpa em relação ao genitor cuja morte fantasiou.

Para Freud, esses complexos se iniciam na infância. Por outro lado, para Reich, começam no adulto, que

>>

(Continua na página 30)

RECEITAS COM MAIS CALORIAS

especialidade para o mês de outubro: Massas

Entrada

Torta de macarrão e carne moída (6 a 8 porções)

Ingredientes

300 g de macarrão espiral cozido e escorrido
 300 g de carne moída
 1 cebola média cortada em cubinhos
 3 colheres/sopa de pimentão vermelho picadinho
 2 dentes de alho amassados
 2 colheres/sopa de óleo
 1 cubinho de caldo de carne
 1 colher/sobremesa de amido de milho
 150 g de mussarela ralada grossa
 2 colheres/sopa de queijo parmesão ralado

Modo de preparar

1. Unte uma fôrma quadrada com manteiga, coloque o macarrão, formando uma camada no fundo, reserve.
2. Numa panela coloque o óleo e refogue nele a cebola, o alho e o pimentão, junte a carne moída e cozinhe bem.
3. Dissolva o cubinho de caldo e o amido de milho com um pouco de água morna (quase fria), junte ao molho da carne, mexendo sempre até o molho engrossar. Retire do fogo, e despeje por cima do macarrão, cubra com a mussarela, e polvilhe com o parmesão, leve ao forno para gratinar, por aproximadamente 10 minutos. Retire e deixe amornar para servir cortado em pedaços.

Prato principal

Espaguetti "ao pesto e amêijoia" (4 a 6 porções)

Ingredientes

400 g de espaguetti cozido "al dente", escorrido.
 150 g de amêijoia (molusco) sem as conchas
 1/2 xícara/chá de azeite
 3 colheres/sopa de mangericão picadinho
 1 colher/sopa de alho picadinho
 1 colher/sopa salsinha picada
 2 colheres/sopa de nozes picadinha (opcional)
 Queijo ralado a gosto
 Sal a gosto

Modo de preparar

1. Cozinhe a amêijoia em água com sal escorra.
2. Numa tigela misture o azeite com o alho, a salsinha, o mangericão e as nozes, mexa bem, e junte a amêijoia, deixe temperar por 10 minutos.
3. Coloque o espaguetti numa panela e despeje o molho, mexa bem até esquentar.
4. Polvilhe com o queijo ralado e mexa mais um pouco até cobrir todo o espaguetti com o queijo.
5. Sirva ainda quente.

Sobremesa

Doce de leite com abacaxi (4 a 6 porções)

Ingredientes

1 litro de leite
 3/4 xícara/chá de amido de milho
 1/3 xícara/chá de açúcar
 1/2 xícara/chá de doce de leite
 1 abacaxi
 1 clara de ovo batido em neve
 1 colher/chá de casca de limão ralado
 manteiga para untar uma fôrma

Modo de preparar

1. Ferva 3/4 parte do leite com o açúcar, a casca do limão e o doce de leite, mexendo bem até dissolver o doce de leite.
2. Descasque o abacaxi, retire o miolo e pique-o em cubinhos, pequenininhos, reserve.
3. Dissolva o amido de milho no restante do leite, junte ao leite fervente, cozinhe por 5 minutos, mexendo sempre até engrossar. Retire do fogo e deixe esfriar mexendo de vez em quando.
4. Uma vez frio, junte o abacaxi e a clara em neve até incorporar bem, despeje numa fôrma untada, ou se preferir em taças individuais, leve à geladeira e depois sirva.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

Entrada

Omelete de cabelo de anjo (6 porções)

Ingredientes

200 g de macarrão cabelo de anjo
3 ovos
2 colheres/sopa de queijo ralado
1 colher/chá de orégano
Sal a gosto

Modo de preparar

1. Cozinhe o macarrão em abundante água quente por 1 minuto, escorra.
2. Bata os ovos inteiros, junte o queijo ralado e o orégano
3. Despeje no macarrão, mexendo bem até incorporar.
4. Esquente uma frigideira antiaderente e despeje o batido alisando bem. Deixe cozinhar bem nos dois lados até dourar, sirva quente cortando em pedaços.

Prato principal

Macarrão com creme de frango (2 a 3 porções)

Ingredientes

200 g de macarrão tipo perne ou espiral
1 peito de frango medio cozido em água com sal
4 colheres/sopa de creme de leite *light*
3 colheres/sopa de cebola picadinha
1 dente de alho picadinho
3 colheres/sopa de pimentão vermelho picado
1/2 xícara/chá de leite desnatado
Sal a gosto
1 colher/chá de margarina *light*

Modo de preparar

1. Cozinhe o macarrão em abundante água com sal, escorra e reserve.
2. Numa panela antiaderente refogue a cebola, o alho, e o pimentão junto com a margarina.
3. Pique o frango e refogue um pouco junto com os outros ingredientes, retire do fogo.
4. Bata o creme de leite, o leite desnatado e a fritura de frango, no liquidificador até formar um creme.
5. Cubra o macarrão com este creme e leve ao fogo para aquecer um pouco, sirva imediatamente.

Sobremesa

Pudim de 3 cores (6 porções aproximadamente)

Ingredientes

2 caixinhas de pudim *diet* de diferentes sabores (ex.: chocolate e morango)
1 litro de leite desnatado
1 caixa de chantibom
6 a 8 morangos cortados em metades

Modo de preparar

1. Prepare um envelope de pudim, em 1/2 litro de leite, como indica o fabricante, deixe amornar e despeje numa fôrma de pudim decorado, leve à geladeira até firmar.
2. Por cima do primeiro pudim coloque 3/4 partes do chantibom alisando bem. Reserve.
3. Prepare o segundo pudim como o anterior deixe quase esfriar e despeje por cima do chantibom, leve à geladeira até firmar por duas horas aproximadamente.
4. Vire o pudim numa fôrma de servir, decore com o restante do chantibom e os morangos. Sirva bem gelado.

Educar positivamente

Francisco Gomes de Matos

Concepções de educar

Como podemos caracterizar as diversas concessões de *educar*? Deixemos para os especialistas em *Educação* a resposta àquela complexa, desafiadora e relevante indagação. Em vez disso, registremos duas maneiras atuais de perceber o referido processo: a primeira, reflete o pensamento generalizado da maioria dos leigos. Assim, ao se inscreverem para um curso, um seminário, uma oficina, etc. muitas pessoas dizem: *Estou aqui para adquirir conhecimentos*

A segunda percepção, cada vez mais cultivadas por educadores, seria expressa pela afirmação *Estamos aqui para construir conhecimentos*. Comungamos dessa segunda concepção e acrescentaríamos a dimensão que, a nosso ver, é imprescindível, para a humanização profunda do educar: a *positividade*. Assim, diríamos que o *educar(se) é construir conhecimentos para o bem individual, interpessoal, comunitário*.

As mudanças em curso no mundo e no Brasil, em particular, estão influenciando significativamente na Teoria e Praxis tradicionais: a nova *Lei de Diretrizes e Bases* já inspirou a elaboração dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, um instrumento cuja aplicação objetiva aprimorar a qualidade no ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental e, ao mesmo tempo, formar cidadãos aptos para a vida social e profissional.

No que concerne ao ensino de línguas (portuguesa e estrangeiras), es-

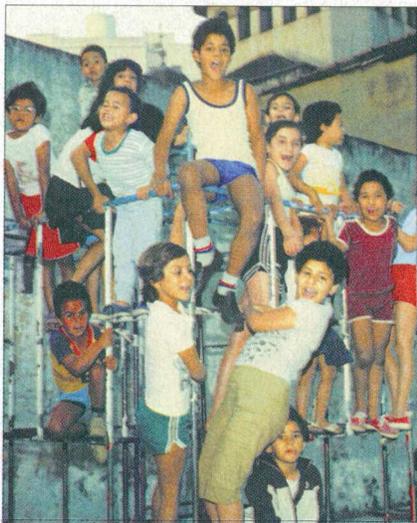
se repensar estratégico, que beneficiará alunos e professores, nas redes escolares estaduais e municipais, públicas e privadas, reflete algumas tendências educacionais, dentre as quais:

1. Uma compreensão da *natureza sociocognitiva do desenvolvimento lingüístico*

2. uma percepção dinâmica da *natureza construtiva da aprendizagem*

3. uma pedagogia centrada em *perspectivas holísticas sobre o currículo e o ensino*

4. uma abordagem humanizadora, através do estudo sistemático de questão de direitos humanos, ética, meio ambiente, saúde, problemas econômicos, pluralismo étnico e lingüístico-cultural.



O papel dos educadores

O bem educar significa saber desempenhar vários papéis, todos in-

terligados, intercomplementares, em benefício do *próximo lingüístico: o educando*. Assim, cabe aos educadores o múltiplo desafio criativo de *incentivar, orientar, cooperar, auxiliar, co-participar, motivar, humanizar...* A classificação atual de tipos de aprendizagem — colaborativa, vivencial, integrada, estratégica, etc. — constitui lembrete importante de que se o *comunicar é compartilhar*, o ensinar-aprender constitui uma forma poderosa de construção compartilhada por parceiros educacionais. Aos educadores imbuídos do sistema de crenças e valores conhecidos como *Cristianismos*, compete uma missão da maior responsabilidade: ajudar os alunos como criaturas não apenas *cognitivas, culturais, ecológicas, lingüísticas, políticas, sociais*, mas também *espirituais*.

Estamos no limiar de grandes avanços nas ciências, na tecnologia, nas artes e na educação. Como educadores — *lato sensu* — façamos nossa parte (professores, pais, líderes comunitários, profissionais da mídia) para que a esse progresso científico-tecnológico-educacional corresponda um esforço permanente em prol do crescimento do ser humano como *pessoa digna, que tenha seus direitos respeitados e assegurados e que, por sua vez, cumpra suas responsabilidades como criatura comunitária*. ■

Francisco Gomes de Matos é professor de Lingüística no Departamento de Letras, UFPE, Recife e ex-professor na PUC-SP.

Dia de finados



31º Dom. do Tempo Comum
02 de Novembro

1. PONTO DE PARTIDA

Hoje a Igreja relembra, de modo especial, os mortos. O que à primeira vista poderia parecer desesperador, olhada sob o prisma da ressurreição de Jesus, a morte projeta novas luzes sobre a própria vida. Olhando para a ressurreição de Cristo com os olhos da fé, sentimos renascer a esperança. A vida é tão preciosa que ninguém se conforma facilmente em perdê-la. Todos buscam encontrar o sentido para a morte e a vida. Se Deus existe, a vida humana deve ter o seu sentido. Como também deve ter sentido a dor por que passamos. No fundo, a certeza da vida que dura para sempre é o que dá sentido ao nosso peregrinar em busca da morada definitiva.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura 2Mc 12, 43-46

No Antigo Testamento a crença na ressurreição dos mortos nem sempre é muito clara. Ela acompanha um processo de evolução do pensamento do povo de Israel. Já bem próximo do nascimento de Jesus, a crença se identifica com o que hoje nós cremos. Rezar pelos mortos faz sentido na medida em que credi-

tamos na ressurreição e na misericórdia de Deus.

2ª Leitura Rm 5, 5-11

Quando nos deixamos tocar pelo Espírito de Deus, percebemos o quanto é valiosa a salvação que ele nos conseguiu. Vivenciando essa realidade, sentimos o amor brotar em nós, sobretudo se nos damos conta de que somos amados por primeiro e gratuitamente. Aí nossa vida se transforma. Reconciliados e certos da vida futura, temos o necessário para viver e espalhar a felicidade.

Evangelho Mc 15, 33-39

O acontecimento ocorre do meio-dia às três da tarde. As trevas envolvem “toda a terra”. Marcos vê nesse acontecimento um sinal do juízo final. Jesus clama com voz forte o início do salmo 21: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” A invocação de Jesus é ridicularizada e interpretada como chamada de auxílio a Elias. Pelos efeitos que pode produzir num crucificado, um dos verdugos lhe oferece vinagre para a sede, indicando ironicamente que Elias não aparece. O forte grito de Jesus ao morrer é inesperado numa pessoa que está totalmente desfalecida. Significa que para morrer dessa maneira só poderia ser uma pessoa muito forte. O grito é escutado em todas as partes.

O véu do templo era a separação do lugar sagrado onde ninguém a não ser o sacerdote, poderia ter acesso. O véu rasgado significa a substituição do antigo pelo novo. Dessa maneira abre-se a cortina que “ocultava” a Deus e ele se manifesta a todos.

O capitão romano crê em Jesus devido à sua maneira de morrer e manifesta o ponto alto de todo o Evangelho de Marcos. Enquanto os sumos sacerdotes exigiam de Jesus sinais escolhidos por eles mesmos, o pagão sabe interpretar os acontecimentos e

os sinais maravilhosos que Deus oferece. Percebe a solidariedade de Deus nos momentos mais difíceis da vida. Esta constatação é um consolo diante das necessidades da vida. O título “filho de Deus” é a confissão cristã por meio da qual se reinterpreta a espera do Messias à maneira do judaísmo. As expressões “o Messias, rei de Israel ou rei dos judeus”, depois da morte de Jesus, passam a ter um novo sentido. Com certeza, o soldado fala em nome de todos os cristãos do mundo. A confissão do soldado é a resposta à morte de Jesus na cruz: esta é a herança do evangelho de Marcos aos seus leitores. Sob esta luz devem ser vistos também os últimos acontecimentos da paixão de Jesus.

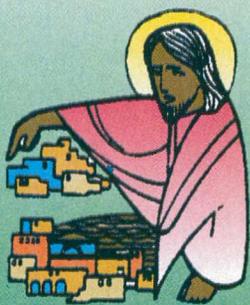
“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Abandono de Deus como experiência. Sem saída, depois de todos terem fugido ou convertido em inimigos: esta é a sorte de Jesus nos últimos momentos de sua vida. Orando transforma a dor em expressão da sua confiança em Deus. A morte não foi o ponto final na a vida de Jesus. Deus responde ao seu clamor e ao de todos os desesperados do mundo. A ressurreição é a resposta do Deus da vida. Por isso não deixa que ninguém se perca. Ao contrário, purifica e entrega de novo tudo de bom que construímos, todo amor que plantamos. Quem vive na amizade de Deus encontra nele um repouso seguro.

3. CONCLUSÃO

Jesus assumiu nossas dores, reconciliou-nos e deu-nos a garantia da recompensa. Humano, clama na cruz por socorro como faria qualquer um de nós. Sua morte abre caminho de aproximação entre Deus e a humanidade. Se alguém já sofreu por nós, é também sinal de que não

sofremos sozinhos: Deus mesmo é solidário conosco. A ressurreição nos diz que a morte não é a última palavra no nosso destino: a vida que produz amor nunca ficará perdida. ■

Festa da dedicação da Basílica de Latrão



32º Dom. do Tempo Comum
09 de Novembro

1. PONTO DE PARTIDA

Assim como guardamos a lembrança de nossa casa paterna, do lugar onde nascemos, assim também a Igreja lembra hoje a dedicação da Basílica de Latrão. Dedicada ao divino Salvador, foi a primeira catedral do mundo: aí se celebravam especialmente os batismos na noite de Páscoa. Foi também considerada a igreja-mãe de Roma. Ela está ligada às Igrejas de todo o mundo que lhe reconhecem a presidência da caridade. A igreja construção é sinal da presença de Cristo. Nesse templo há uma inscrição que diz: “cabeça e mãe de todas as igrejas”. Ela nos ajuda a valorizar o passado e lembrar a importância de unidade e de catolicidade. A Basílica de Latrão é a catedral de Roma e tem como bispo o próprio Papa. É o dia

de expressar nossa comunhão com a Igreja universal, ao mesmo tempo que pensamos no tipo de igreja-comunidade que estamos construindo.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura Ez 47,1-2.8-9.12

Quando falamos da Igreja nos servimos de imagens. Assim acontece com o texto do profeta Ezequiel. Do templo saem rios de água, portadora de vida e saúde para todos. Essa água corre para o mar, símbolo do caos e do mal. Em contato com essa água “impura”, ela a torna saudável e dela faz brotar vida nova: irriga a terra que produz frutos que alimentam e curam. Assim a Igreja: quando viva e atuante faz brotar do seu interior rios de água viva. Por isso ninguém pode querer se apossar ou controlar essa fonte de graça que corre para o mundo.

2ª Leitura 1Cor 3,9c-11.16-17

Se a igreja construção é sinal da presença de Cristo, com muito mais razão podemos dizer que cada um de nós somos templos do Espírito Santo. Na construção material, em presença da comunidade reunida, o Cristo fala através de sua palavra, dá-se em alimento na Eucaristia, preside a comunidade reunida em oração naquele que preside a assembléia, enfim, “permanece para sempre”. O alicerce sólido sobre o qual se fundamenta é o seguimento de Cristo. Quando a comunidade age a partir desse critério, os frutos não tardam a aparecer.

Evangelho Jo 2,13-22

Antes de iniciar sua pregação, Jesus se dirige ao templo de Jerusalém, verdadeiro coração da vida do povo judeu e o símbolo de sua religião. Mas é também o lugar

da corrupção e da busca de poder. É o lugar onde somente os sacerdotes exercem as funções sagradas. Ao templo e aos sacerdotes o povo necessita recorrer para viver a fé e oferecer os sacrifícios. Do templo deriva a autoridade e o poder dos sacerdotes. Para o templo se dirigem pessoas de todo o país. Por isso, o templo não é somente o centro da vida religiosa, como também política e econômica do povo de Israel. Os chefes dos sacerdotes sabem disso. Além das ofertas espontâneas, colhem também os impostos que todo o povo devia pagar ao templo. Jesus aproveita a motivação do Salmo 69 para realizar um gesto profético: expulsar os vendedores do templo. Jesus zela para que não se profane o templo, nem se faça dele um lugar de comércio. O templo não é lugar de negócios e nem de levar vantagem. Não vamos à igreja como vamos ao supermercado. Não compramos a salvação como uma mercadoria. Ao contrário, vamos à Igreja para o encontro com os irmãos e com Deus. Quando o encontro acontece, “saímos espalhando vida, produzindo frutos, gerando saúde na sociedade doente em que vivemos”. Não podemos agir com interesse egoísta, não podemos comprar a própria salvação. Também não podemos fazer da fé um negócio, uma troca, com devoções, promessas, sem um compromisso de vida. O alicerce da Igreja é Jesus Cristo. Ele nos deixou como características do relacionamento com o Pai a gratuidade e a generosidade. A cena da expulsão dos vendedores do templo recobra um novo sentido após a ressurreição de Jesus. Todos passam a compreender que é possível Jesus ser o templo vivo. Com a ressurreição nada mais é impossível. E a Igreja se torna portavoz e agente dessa força de vida.

Fundada na ressurreição e assistida pelo Espírito Santo, torna-se corajosa na hora de enfrentar os poderes do mal que querem ver fracassar todas as boas iniciativas.

3. CONCLUSÃO

A igreja construção é sinal que nos lembra a presença de Deus nos momentos de união da comunidade. O zelo e o carinho pela história de nossa Igreja, não nos deixa esquecer este dia dedicado à comunidade. Todos somos Igreja e temos como missão sanar todo tipo de mal, curar feridas e espalhar vida por todos os cantos. Jesus é o alicerce último de toda a construção e de todo agir pessoal e comunitário. Celebrar um templo construção nos faz lembrar que nós mesmos somos templos do Espírito Santo. ■

Ânimo! A libertação está próxima!



33º Dom. Tempo Comum
16 de Novembro

1. PONTO DE PARTIDA

Ao aproximar-se o ano 2000 muita gente pensa que o mundo vai acabar. Em outros tempos também

foi assim. Na destruição do templo de Jerusalém no início da era cristã, ao chegar o ano mil, e outras tantas vezes houve quem marcasse o fim do mundo que acabou não acontecendo. A liturgia de hoje usa a simbologia do fim dos tempos para indicar o surgimento de um novo tempo para a humanidade. É um velho sonho que sempre se realimenta com novas esperanças.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura - Dn 12,1-3

As leituras de hoje usam uma linguagem simbólica para transmitir uma mensagem de esperança a um povo sofrido. O livro de Daniel retrata tempos difíceis em que o povo era oprimido, perseguido e a religião ameaçada. Muitos abandonam a fé, outros permanecem firmes. Estes se questionam: quando surgir o mundo novo, que acontecerá com os que perseveraram até a morte? O autor responde: eles despertarão para participar da alegria do Reino e brilharão como as estrelas do céu. É a primeira profissão de fé na ressurreição encontrada na Bíblia. As palavras de ânimo servem também para nós quando o desânimo bate à nossa porta. Nenhum sacrifício, dor, lágrima ou sofrimento são vão. A nossa fidelidade acelera o alvorecer de um mundo novo.

2ª Leitura Hb 10,11-14

A humanidade inventou um sem-número de ritos para significar o desejo de purificação dos pecados. Com o povo de Israel não foi diferente. A leitura de hoje, porém, esclarece: o sangue dos animais não pode purificar o coração do homem. Só o sacrifício de Cristo purifica, de uma vez para sempre, os nossos pecados. E se o pecado ainda está presente no mundo é porque nem todos os

inimigos de Cristo foram colocados debaixo de seus pés. É preciso, portanto, esperar que a sua vitória se manifeste em plenitude.

Evangelho - Mc 13,24-32

A linguagem que Jesus usa é apocalíptica. Isso não significa que esteja falando do fim do mundo. Antes o texto refere-se à destruição de Jerusalém ocorrida no ano 70. É claro, havia os que pensavam que o mundo ia acabar logo. A linguagem das imagens nos ajudam a compreender a mensagem. Os povos antigos adoravam os astros. Para combater os adoradores dos corpos celestes, os profetas anunciam a perda de sua luz e a queda do firmamento. Não é referência a uma realidade física, mas a indicação de que o mundo pagão, representado por esses astros, teria seus dias contados. Ao retomar essas imagens, Jesus quer confortar os ouvintes. Se os males são um sinal da presença do maligno no mundo, o seu fim está decretado. O Filho do Homem virá para instaurar um novo reino. A presença de anjos que reúnem os eleitos, é símbolo do consolo para os cristãos que viviam situações difíceis de ameaça, perseguição e morte. Para os que eram tentados pelo desânimo, a palavra de Jesus é motivo para refazer as forças e continuar a caminhada. O cristão não vive preocupado com o fim do mundo, mas com o começo de um novo tempo que ainda precisa ser construído, por isso não desanima. No meio de um mundo ainda impregnado de ódio, dores e lágrimas, as nossas comunidades devem ser sinais de esperança, amor, alegria e paz. Pessoalmente, é impotente que cada um esteja sempre bem preparado para o momento do encontro com o Senhor. A segunda parte do evangelho tenta responder à pergunta: até

quando teremos que esperar pela vitória do bem sobre o mal? A resposta é dada pela figueira. Quando ela começa a brotar, o agricultor sabe que se aproxima a época de abundantes colheitas. Assim também com relação ao final dos tempos. Só o Pai sabe o dia do pleno cumprimento do Reino. O cristão é convidado a ter a sensibilidade do agricultor para perceber os indícios do novo tempo. Os sofrimentos de ontem e de hoje se parecem. Jesus convida as pessoas que sofrem por amor à verdade e à justiça a não desanimarem. Mesmo nas horas de maior sofrimento é preciso saber vislumbrar os sinais do Reino que se aproxima.

Para o povo de Israel, a destruição do templo foi uma catástrofe irreparável, como o fim do mundo. Hoje também assistimos a contínuas e rápidas mudanças. Certezas que pareciam absolutas, caem. Personalidades julgados insubstituíveis, desaparecem. Dogmas são submetidos à releitura e reinterpretação. Práticas religiosas que pareciam indispensáveis e imprescindíveis revelam-se ultrapassadas e são abandonadas. Para o cristão, nada disso é motivo de desânimo, pois a exemplo do agricultor sabe que, quanto mais rigoroso o inverno, mais rica de frutos será a nova estação.

3. CONCLUSÃO

Não há noite tão longa e tão escura que não termine com a aurora de um novo dia. Em todas as situações da vida podemos encontrar sinais de esperança. Assim de todo acontecimento podemos tirar uma nova lição de vida. Até mesmo nas situações de pecado, ainda assim há motivo de esperança, pois Cristo derrotou o pecado. É preciso, pois, descobrir os sinais do novo tempo que nasce das cinzas do reino do mal. ■

Um reino que não é deste mundo



34º Dom. Tempo Comum
23 de Novembro

1. PONTO DE PARTIDA

Para o povo de Israel o poder de um rei procedia diretamente de Deus. Por isso custou muito a aceitar reis. Seu único rei era Deus. Por estarem governando o povo no lugar de Deus, os reis deveriam ser defensores dos fracos, órfãos, viúvas, enfim, dos pequenos e desamparados. Sabemos que a experiência do reinado em Israel não correspondeu às expectativas. Celebrar Cristo Rei é proclamar que ninguém pode ser dono deste mundo. É trabalhar pelo triunfo da verdade e reinar com Cristo por uma vida de doação, serviço, perdão e solidariedade.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura Dn 7,13-14

Daniel utiliza-se de linguagem simbólica para transmitir sua mensagem. O capítulo 7 de Daniel relata uma visão noturna na qual contempla quatro grandes animais saindo do mar (símbolo da desordem, do caos). Trata-se dos grandes reinos que se sucederam no mundo e que oprimiram o povo de Deus. O leão representa a Babilônia, o Urso

representa o império medo-persa, o leopardo representa o império grego ou macedônio e o quarto animal representa Roma. Em contraposição às feras, aparece o filho de homem. Não vem do mar, isto é, do caos, mas do céu, de Deus. Representa todo o povo de Israel que, depois da grande tribulação, recebe de Deus um reino eterno e todos os outros povos estarão sob o seu domínio.

2ª Leitura Ap 1,5-8

A leitura do livro do Apocalipse quer infundir coragem e ânimo para os cristãos ameaçados por causa da cruel perseguição. O reinado de Deus será assumido por um sacerdote (todo cristão é também sacerdote) que virá sobre as nuvens, isto é, vitorioso. Não destruirá nem humilhará os inimigos pela força, mas transformará e converterá seus corações.

Evangelho Jo 18,33-37

Nos antigos quadros da representação de Cristo Rei, aparece um Jesus quase irado com anjos tensos ao seu lado como se estivessem sempre prontos a intervir a qualquer aceno. Certamente era uma confusão do reinado de Cristo com os reis deste mundo.

Jesus sempre recuou ante a tentativa de fazê-lo rei deste mundo. No evangelho de hoje, porém, ao ser entregue nas mãos da autoridade romana, sozinho, prisioneiro, derrotado, aí se proclama: "Eu sou rei". O que Pilatos não entende é que o reinado de Jesus não seja deste mundo. Os reinos deste mundo são conduzidos pela ambição das riquezas e do poder, pelo emprego da força e defendidos pelas armas. Jesus não elimina ninguém. Ao contrário, apresenta sua vida como doação. Não faz alianças com os grandes e poderosos, põe-se do lado dos humildes. O reinado de Je-

sus é dar testemunho da verdade, isto é, viver o projeto de um mundo novo, para mostrar que o Reino de Deus chegou. A festa de hoje deve deixar claro que a realeza de Cristo é contrária à realeza deste mundo. O Reino de Deus não se confunde com nenhum projeto político. Isto significa que a missão da Igreja não é prioritariamente política, mas que deve colocar-se como instância crítica diante das situações em que as mínimas condições de vida não são respeitadas. “A Igreja não é feita para tomar o lugar dos poderes deste mundo, mas para agir como fermento e melhorá-los”.

As conquistas do Reino de Deus acontecem quando se multiplicam as atitudes de serviço, gestos de doação generosa, manifestações de respeito de uns pelos outros, e de diálogo, e o estabelecimento de novas relações entre os homens e as nações. A vida de nossas comunidades fundada no amor, na compreensão, na partilha dos bens, na condenação da violência, no serviço fraterno é uma prova concreta de que o reinado de Jesus Cristo se faz presente na humanidade.

3. CONCLUSÃO

As leituras de hoje falam do reinado de Deus e de Cristo. É um reino que começa neste mundo e se desenvolve em meio a lutas e contradições. O evangelho nos apresenta o verdadeiro sentido do reinado de Jesus: não é domínio, glória, poder opressor, mas aceitação do espírito de serviço. A profecia do rei justo se cumpre em Jesus, certeza de que o reinado do mal tem seus dias contados e que o novo Reino, não obstante as perseguições, vai se implantando cada vez com maior firmeza pela ação dos comprometidos com sua causa. ■

(Continuação da página 17)

aventurança da perseguição (cf. Mt 5,10-12). O paradoxal “alegrai-vos e regozijai-vos” de Jesus vai levar o prisioneiro Paulo a encontrar a resposta exata para a imensa interrogação do Livro de Jó: “Por que o sofrimento?” Após 25 anos de intensíssima caminhada, ele percebe que aquela “alegria no Senhor”, que existe no dar, no agradecer, no convívio fraterno, no plantar e no colher, existe também — e com o mesmo brilho! — no sofrimento do justo, porque é assim que este “completa em sua carne o que falta à paixão de Cristo, pelo Seu corpo que é a Igreja” (Cl 1,24).

De maneira muito precisa Paulo conclui a sua exortação: “*Deus nos fez capazes de participar da herança dos santos...*” Ora, por nós não somos capazes de nada. Somente colaborando estreitamente com a graça de Deus é que seremos capazes de participar da “herança dos santos”. Que herança é esta? É o conjunto de dons e carismas que os santos todos souberam tão bem receber das mãos de Deus e desenvolver ao longo de suas vidas. Dons e carismas que constituem o infinito cabedal da redenção que Cristo nos trouxe.

Enfim, tudo parte do hábito de orar. É a partir daí que realmente adquirimos a sabedoria e o discernimento espiritual que nos levam a praticar as boas obras, vivendo na alegria, louvando ao Senhor e nos tornando capazes de sermos herdeiros da luz. E nada disso pode ser feito se não existir a fé, que é a força geradora de toda a nossa caminhada para Deus. Esta é vocação para a qual fomos chamados. ■

Geraldo de Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, em Roma e Prior do Convento dos Frades Carmelitas em Piedade, Jaboatão do Guararapes, PE.

(Continuação da página 22)

passa à criança sua sensação de culpa. No meu modo de ver, esses complexos têm início na infância dos pais e passam, por via não-verbal, para seus filhos. De qualquer forma, definem uma série de possibilidades na relação entre pais e filhos, inclusive da exacerbação do ciúme.

Existem outras razões para a gênese do ciúme entre pais e filhos e que se irradiam para toda a família. Por exemplo, a aproximação maior da família de um dos cônjuges pode gerar uma admiração ou uma rejeição pelo outro. Dependendo de como os pais se posicionam nesta diferenciação, poderão estimular o ciúme num dos genitores pela simples compensação de discriminação. Naturalmente, um pai irá se aproximar mais do filho para compensar a rejeição dos seus familiares e, ao se aproximar mais, afastará o seu próprio parceiro.

O caso anterior de Ana e este de Emanuel são muito similares. Tanto um como outro revelam adultos não resolvidos, que passam seus problemas para os filhos.

A condição econômica, social e a autoridade dos adultos pode ser um fator de agravo nesta situação. Quanto mais poderosos e convincentes forem os pais, mais fácil será a passagem de seus problemas para os filhos e maior será o aprisionamento do cônjuge capturado pela armadilha do casamento.

Famílias fortes fragilizam os seus membros, sobrecarregando os indivíduos, cobrando muito mais do que dão. Esta sobrecarga pode estar ligada ao ciúme entre marido e esposa, pais e filhos, além da competição entre irmãos, avós, tios e primos.

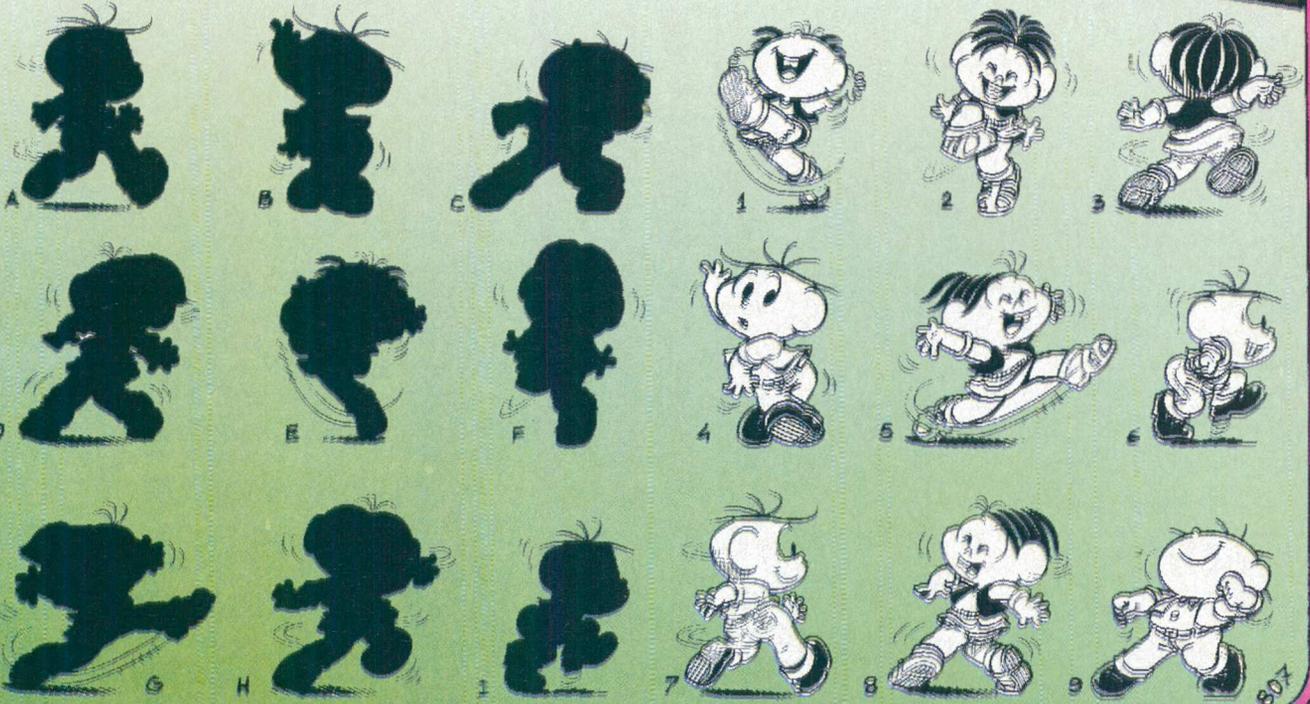
Ufa, que famílias! ■

Wimer Bottura é Psiquiatra e autor do livro CIÚME, Ed. Roka, tel. (011) 222.1458; Fax (011) 220.8653.

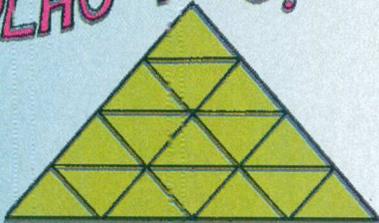
AS SILHUETAS

LIGUE CADA PERSONAGEM À SUA SILHUETA.

DIVERTIMENTOS



OLHO VIVO!



VOCÊ
PODE
DIZER
QUANTOS
TRIÂNGULOS
HÁ NESTA
FIGURA?

RESPOSTA: 16 TRIÂNGULOS

CRUZADAS

	1	2	3	4	5
1					
2					
3					
4					
5					

1. DIVERSÃO.
2. DA MANDUÇA.
3. ACOMPANHEM.
4. PUBLICA.
5. DA ROMAZEIRA (PL).

SOLUÇÃO: LAZER, AMÍDO, SIAM, EDITA, ROMAS.

ENTRE AS DUAS CENAS HÁ SETE DIFERENÇAS PARA VOCÊ DESCOBRIR. VAMOS LÁ?

SOLUÇÃO: OLHO, BOCA E CALÇINHA DA MARIQUINHA; ROSA, BOTÃO E RODA DO PATINETE; TÍTULO.



Mauro

UAU! HOJE É DIA DA CRIANÇA!



VAMOS FAZER UMA FESTINHA, TURMA?

É! AS CRIANÇAS TÊM SEUS DIREITOS!

VAMOS FAZER UM BOLO! A CRIANÇA TEM DIREITO A COMER BEM PRA TER BOA SAÚDE!

VAMOS FAZER COLAGEM! A CRIANÇA TEM DIREITO DE BRINCAR!

VAMOS PLANTAR! A CRIANÇA TEM DIREITO A UM FUTURO COM A NATUREZA!



BEM! ACHO QUE JÁ FIZEMOS DE TUDO!

NÃO FIZERAM NÃO... AINDA FALTA UM DIREITO...



"VOU DESCANSAR" ... POIS A MÃE TEM DIREITO AO DESCANSO, ENQUANTO VOCES ARRUMAM A BAGUNÇA QUE FIZERAM!



TINAGLIA

Hora de Brincar

LIGUE AO BICHÃO AÍ, AS LETRAS QUE VOCÊ PRECISA PARA FORMAR O SEU NOME!

MAÍRA VAI AO ZOOLOGICO. ENCAIXE NA CRUZADINHA O NOME DE CADA COISA QUE ELA VAI LEVAR!

BONÉ
MOCHILA
CANECA
SUCO BOLA
SALGADINHO
MAÇA
LANCHE

C
H G
A M A
L A R I O A
T X C O

SE VOCÊ PINTAR ONDE TEM PONTINHO, DESCOBRE O QUE É!



O QUE É, O QUE É?

QUE BICHO É? BEBE LEITE
MAS NÃO BEBE CAFÉ; FICA EM CIMA DO TELHADO
E NÃO É CHAMINÉ?

JÁ SEI! TENHO QUE USAR A PRIMEIRA LETRA DO NOME DE CADA FIGURA!

TINA & GLOVIA

Jonas

O livro de Jonas não contém oráculo profético, é um ensinamento didático; não é um relato histórico mas sapiencial aonde podemos refletir que a misericórdia divina não é só para Israel mas que Deus se preocupa absolutamente com toda a humanidade. O Novo Testamento coloca a estória de Jonas, engolido e libertado pela baleia, em paralelo com a morte e ressurreição de Cristo.

Encontre as palavras perdidas nos versículos indicados. Transportando as letras aos números correspondentes no diagrama achará uma mensagem de Jonas.

_____ (1,9) - terras entre oceanos.	_____ (2,1) - vertebrado aquático
12 20 57 64 40 62 70 37 9 46 73	_____ (2,4) - grandes ondas.
_____ (1,2) - sentença oral (sing.)	15 56 6 18 36
13 24 2 29 75 68 43	_____ (2,4) - grandes ondas.
_____ (3,2) - mandei	41 16 43 50 69
3 71 21 42 78 10 38	_____ (1,7) - aproximem-se.
_____ (1,1) - pai de Jonas.	61 17 44 7 34
48 14 30 58 22 67	_____ - (Gn 36.35) - rei edomita.
_____ (3,4) - povoados maior.	32 27 13 53
55 51 45 25 33 5	_____ (Gn. 2,8) - paraíso.
_____ (1,3) - outros.	72 35 8 39
31 65 49 77 62 52	_____ - (Sl. 118) - 5ª letra alf. hebreu.
_____ (4,9) - Pai.	47 28
80 54 26 74 14 11	_____ - Norte.
_____ (1,14) - ser hum. masc.	1
4 59 66 60 76	

“... Replicou-lhe o Senhor:

11...

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28			
29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59
60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80										

Jonas capítulo 4

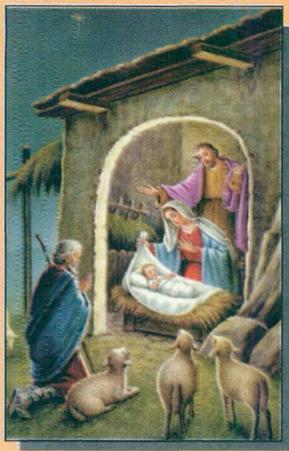
Resposta do relendo a Bíblia da AM 9 (Setembro)

v.15b	“... C	O	M	O	T	I	V	E	R	E	S	F	E	I	T	O	,	A	S	S	M	S	E	F	A	R	Á		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27		
	C	O	N	T	I	G	O	C	A	R	R	E	G	A	R	Á	S	S	O	B	R	E	A	C	A	B	E	Ç	A
	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56
	O	P	E	S	O	D	E	T	E	U	S	A	T	O	S	.	v.21c	E	A	O	S	E	N	H	O	R			
	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71		72	73	74		75	76	77	78	79	80			
	P	E	R	T	E	N	C	E	R	Á	A	R	E	A	L	E	Z	A	”										
	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98											

DIGA QUE VOCÊ AMA ENVIANDO UM CARTÃO DE NATAL À PESSOA AMIGA!



Nº 111



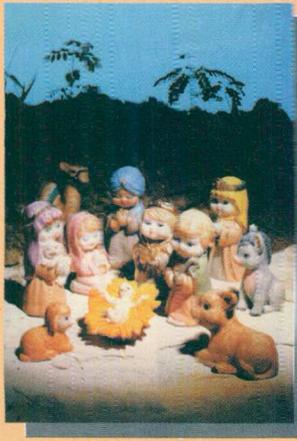
Nº 115



Nº 116



Nº 117



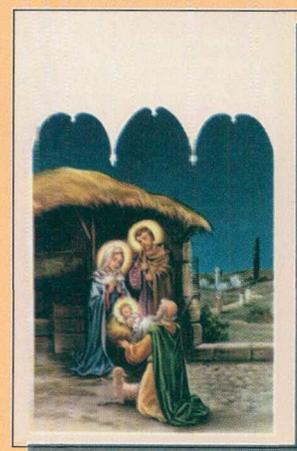
Nº 112



Nº 118



Nº 119



Nº 120



Nº 113

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 1205 — CEP 01059-970 — São Paulo, SP

Ao adquirir os cartões de Natal, estará ajudando as Vocações Sacerdotais nos seminários.

PREÇO DE CADA CARTÃO, R\$ 0,80 (NÃO INCLUÍDO O PORTE)



Nº 114

Cartão	Quantidade de Cartões
Nº 111 cartões
Nº 112 cartões
Nº 113 cartões
Nº 114 cartões
Nº 115 cartões
Nº 116 cartões
Nº 117 cartões
Nº 118 cartões
Nº 119 cartões
Nº 120 cartões

Preencha corretamente os pontilhados.

Nome

Endereço

Cidade Estado

CEP..... Tel. ()

Assinatura

Pagamento através de Reembolso Postal Pelo correio, pedidos acima de 10 cartões.

TABELA DE DESCONTOS
 Pedidos acima de 50 cartões 10% de desconto; acima de 100 cartões 15% de desconto; acima de 150 cartões 30% de desconto.
Reúna os pedidos de seus amigos para conseguir o máximo de desconto!

COLEÇÃO Espírito Santo

Texto: *Geraldo Vale*

Uma coleção de sete livros simples, escritos em linguagem popular e acessível, cujo maior valor é levar o leitor a um reencontro com seu carisma, constatando que a ação do Espírito Santo pode manifestar-se em todas as atividades do homem, instrumento de Deus.



NATUREZA E SIGNIFICADO DO PRAZER SEXUAL

Texto: *Gabriel Bononi*

O prazer sexual está em condições de ser usufruído em plenitude, quando a relação homem e mulher os leva a crescer como pessoas. Dirige-se a todas as pessoas.

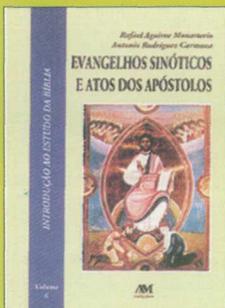


INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA BÍBLIA



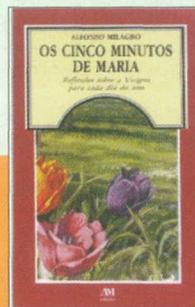
Vol. 1: A Bíblia e seu contexto

Texto: *Vários Autores*
Trata da arqueologia e geografia bíblica; história e instituição do povo bíblico; literatura do texto da Bíblia.



Vol. 6: Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos

Texto: *R.A. Monastério e A.C. Carmona*
Estudo sobre os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e Atos. Dirige-se a todos os que queiram aprofundar sua formação bíblica.



Os cinco minutos de Maria

Texto: *Alfonso Milagro*
Livro de reflexão e meditação. Após a leitura de cada tópico referente a Maria, sugere-se cinco minutos de ponderação sobre nossas vidas e nossas realizações.

AM

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/ 81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 66 2128 / 66 2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

IMPRESSO